

As vantagens
da soja e do milho
não transgênica para
o mercado brasileiro

- p1 As vantagens da soja e milho não transgênicos para o mercado brasileiro**
- O Conteúdo deste relatório
 - A vantagem do Brasil em não plantar transgênicos
 - O milho dos EUA e a canola canadense sofreram grandes perdas no mercado, atribuídas ao fato de plantarem culturas transgênicas.
 - As exportações de soja brasileira para a Europa estão em alta, enquanto as exportações dos Estados Unidos estão diminuindo
 - Incentivos e prêmios para produtos não transgênicos
 - Não é possível plantar transgênicos e não transgênicos ao mesmo tempo— as culturas transgênicas contaminam os sistemas de plantio e armazenamento e aumentarão os custos de produção de todo o setor.
 - Exportações de milho não transgênico brasileiro atingem valores recorde - Safras
 - Soja convencional ganha mercado
- p9 Na Europa, o mercado já está fechado aos transgênicos para a alimentação humana há alguns anos**
- A demanda dos consumidores europeus por produtos livres de transgênicos continua grande
 - Uma vez que o mercado de rações para animais é o destino da maior parte das culturas transgênicas, como a soja e o milho, a crescente rejeição de transgênicos neste mercado é especialmente significativa para os exportadores brasileiros.
 - Trouw Aquaculture, McDonalds Restaurants Ltd, Migros, Delhaize-le-Lion, Tesco, ASDA, Aveve, Soya Hellas, Pingo Poultry, Wiesenhof, Superquinn, Agra Tagger, Denofa, Heinz, Fileni Group, Grampian Country foods
- p16 As exportações de soja e milho e a indústria de alimentos brasileiros devem continuar livres de transgênicos para atender às demandas do mercado europeu e às exigências dos consumidores.**
- A empresa SADIA
 - As empresas europeias estão expressando sua preocupação quanto ao plantio de soja transgênica no Brasil
 - Federação de Agricultores Suecos
 - British Poultry Councils
- p21 O risco de contaminação de transgênicos e a necessidade de cumprir a legislação europeia**
- Várias industriais brasileiras de moagem já estão investindo na certificação de modo a provar que as suas exportações de soja não contêm organismos geneticamente modificados.
 - Fontes de fornecimento volumosas para rações animais não-transgênicas, certificadas pela Cert ID
 - SGS instala laboratório para detecção de produtos transgênicos
 - Os compradores europeus de soja não-transgênica estão tomando algumas medidas que incluem a obtenção de soja junto a fontes alternativas de menor dimensão
 - Soybean Processors Association of India
 - Programa Francês sobre Grãos de Soja não-transgênica
 - Hungria
 - Fonte alternativa de proteínas não-transgênicas e estabilidade de custos
- p24 Exportadores dos Estados Unidos, Canadá e Argentina também deram início à implementação de sistemas de segregação**
- Estudo conclui que os armazéns de cereais dos Estados Unidos preferem a segregação de GMOs
 - Produtores de milho dos EUA afirmam que a oportunidade reside na resposta dada à procura por produtos não transgênicos
 - AFMC afirma que a Coreia do Sul compra 25 000 toneladas de soja não transgênica aos Estados Unidos
- p27 Notícias vindas dos Estados Unidos, Argentina e Canadá**
- “Super ervas-daninhas” resistentes a herbicidas triplos
 - Roundup and Classic; like BACON and EGGS
 - Redução de 5% a 10% no rendimento das culturas de sementes de soja resistentes ao Glifosate
 - Estudo mostra que soja transgênica usa mais agrotóxicos
 - Agricultura Brazil: Aumentando a produtividade da soja sem transgênicos
 - Estudo mostra que soja transgênica é menos produtiva
 - Política da União Nacional de Agricultores do Canada (NFU) sobre Alimentos Geneticamente Modificados (Extratos)
- p33 Pesquisa de opinião sobre alimentos transgênicos nos EUA**
- Food Policy Institute, Rutgers University
 - ABC News.com
 - PBS/Frontline
 - Pew Initiative on Food and Biotechnology
 - Food and Drug Administration (FDA)
 - Trader Joe’s
- p34 O Direito Internacional começa a adequar-se às culturas transgênicas e a rotulagem de alimentos transgênicos está se tornando prática padronizada em todo o mundo**
- Protocolo de Cartagena das Nações Unidas sobre Biossegurança
 - Japão
 - República da Coreia
 - Treze países candidatam-se à adesão à União Europeia:
 - Croácia
 - Hungria
 - Austrália e Nova Zelândia
 - Rotulagem de transgênicos assusta fabricantes australianos de produtos alimentícios
 - Tegel pára de utilizar transgênicos
 - República da África do Sul
 - Política da China sobre soja transgênica
 - China
 - China compra primeiros grãos de soja americana sob novas regras sobre OGMs
 - Futuros da soja na China fecham em alta; fornecedores temem regras sobre OGMs
 - Coreia do Sul vai importar 300 000 toneladas de grãos de soja não transgênica da China
 - Sensibilidade da Ásia em relação aos transgênicos preocupa comércio de soja dos EUA
- p41 Receitas Contra a Fome – Histórias de sucesso para o futuro da agricultura**
- p42** Neste relatório, damos a última palavra do Carrefour, que é o maior grupo varejista do Brasil e da Europa e o segundo maior em todo o mundo;

As vantagens da soja não transgênica para o mercado brasileiro

Este relatório evidencia a atual e crescente procura internacional de alimentos e rações animais não transgênicos e a oportunidade da indústria de exportação brasileira de capitalizar mediante a atual vantagem no mercado ou desperdiçar essa mesma vantagem, juntamente com milhões de toneladas de exportações soja, milho e carne.

Os exportadores brasileiros conquistaram uma crescente quota de mercado e dos premiums devido à sua capacidade de fornecer soja e milho não transgênica. Os exportadores de carne brasileiros têm vindo a manter a sua quota de mercado, seguindo a exigência do mercado europeu quanto ao uso exclusivo de rações não transgênicas para aves e suínos.

Não há dúvidas de que estes importantes setores da economia de exportação brasileira se encontram bem colocados de modo a continuarem a ganhar quota de mercado, acompanhando o crescimento da procura de alimentos e rações não transgênicas. Também não há dúvidas de que estes setores sofrerão uma diminuição do volume de negócios, caso não consigam continuar a satisfazer a atual demanda.

Pareceria contrário ao bom senso de negócios, se o Brasil comesse a cultivar ou importar culturas transgênicas, quando atualmente a rejeição do mercado internacional aos transgênicos está se impondo. Os exportadores dos EUA, por exemplo, estão implementando um sistema de segregação, na tentativa de voltarem a ganhar o mercado de exportação que perderam.

Também parece contrário ao bom senso, no que se refere à segurança ambiental e de saúde humana, se o Brasil começar a plantar transgênicos, num momento em que, nos poucos países onde existem atualmente culturas transgênicas, como os EUA, Canadá e Argentina, se confirmam provas acerca dos perigos ambientais e para a saúde, da falta de regras de segurança e do aumento da procura por parte dos consumidores de produtos não transgênicos.

O uso de culturas transgênicas no Brasil pareceria um suicídio ambiental e comercial, criado mais por influência política e de empresas estrangeiras, do que pela demanda de mercado e o interesse dos consumidores e indústria brasileiras.

O conteúdo deste relatório

O fato de o Greenpeace se preocupar seriamente com o impacto ambiental das culturas transgênicas é claro e de conhecimento geral. Estas preocupações são partilhadas, em todo o mundo, por diversas outras organizações e indivíduos. Cientistas, grupos de consumidores, governos, médicos, ambientalistas, grupos de desenvolvimento, líderes de indústria e líderes religiosos, vêm falando publicamente sobre os perigos da libertação de organismos geneticamente modificados (OGMs) no meio ambiente.

Estas preocupações encontram-se bem documentadas em outros relatórios, disponíveis mediante pedido ou prontamente acessíveis no nosso website. Este relatório centra-se na rejeição do mercado de culturas transgênicas e, uma vez que não esperamos que confie unicamente na nossa palavra, sempre que possível, compilamos este relatório utilizando, sempre que possível, citações e afirmações publicadas por jornalistas independentes, analistas de mercado e empresas relevantes.

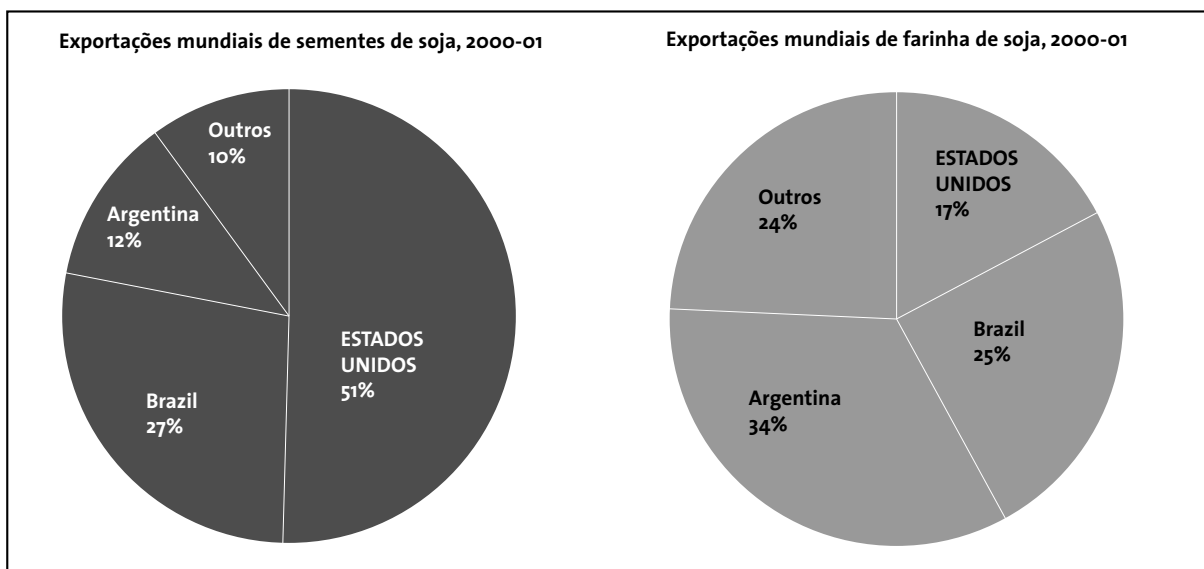
Sempre que utilizamos partes ou citações específicas de relatórios, artigos ou declarações de empresas, procuramos mantê-las dentro do contexto em que foram feitas. Identificamos cada uma destas fontes e providenciamos referências aos relatórios completos, artigos ou declarações. Em alguns casos, utilizamos de relatórios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), Foreign Agricultural Service (FAS). Estes relatórios periciais regulares têm como objetivo manter a indústria exportadora norte-americana informada acerca de políticas relevantes nos mercados de exportação.

A análise foi escrita pelo Greenpeace. Quando outros materiais da organização são usados, eles estão indicados

Há vários argumentos a favor e contra culturas transgênicas. Este relatório concentra-se numa área sobre a qual não há controvérsia e que é, talvez, a maior preocupação da indústria de exportação brasileira. Na verdade, atualmente não há e nunca houve no mercado, e provavelmente nunca haverá perspectivas de demanda de mercado pela soja transgênica, milho transgênico, ou qualquer outro alimento transgênico.

A vantagem do Brasil em não plantar transgênicos

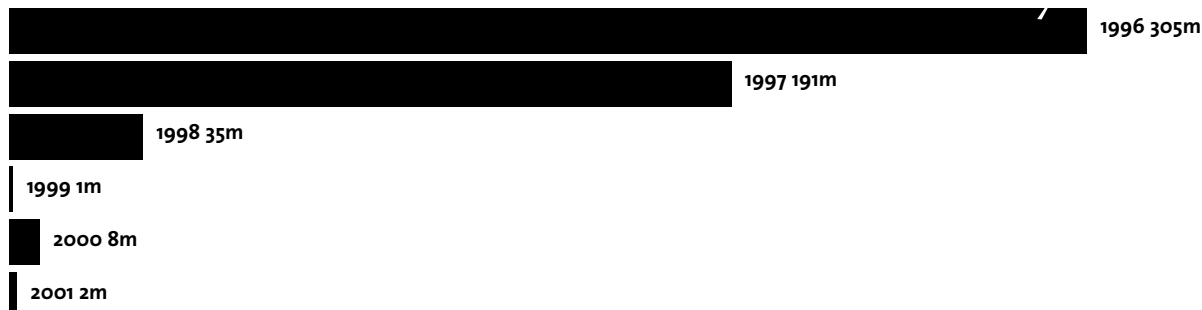
- O Brasil é o segundo maior produtor mundial de soja, com cerca de 20% da produção global. Os três maiores produtores de soja – EUA, Brasil e Argentina – são responsáveis por 80% da produção de soja, 90% do comércio de sementes de soja e 76% do comércio de farelo de soja. [Números de 2000-01. USDA / FAS – ‘Sementes de oleaginosas, produção e comércio mundial’, Tabela 5: Fornecimento e distribuição de sementes de soja, e Tabela 6: Fornecimento e distribuição de farinha de sementes de soja, 1/8/01]



- Destes três maiores produtores, o Brasil é o único que não está plantando transgênicos. Cerca de 70% da produção de soja nos Estados Unidos é feita com sementes transgênicas e na Argentina 90% .
- Os mercados de farelo de soja europeu, chinês e japonês juntos representam cerca de 43 milhões de toneladas – em comparação com as exportações do Brasil de 14 milhões de toneladas de grãos de soja e de 10 milhões de toneladas métricas de farelo de soja. Enquanto o mercado europeu para alimentação humana é praticamente 100% não transgênico, estima-se que o mercado europeu de rações para animais seja de 20-25% não transgênico; o Japão também possui um mercado significativamente não transgênico; a China introduziu recentemente normas de rotulagem para alimentos transgênicos e regras de segurança, cujo impacto ainda não se pode medir. Em todos estes três casos, a demanda por não transgênicos no mercado encontra-se em rápido crescimento. Com exceção de produtores muito pequenos, o Brasil encontra-se numa posição única para atender a demanda deste mercado em crescimento.
- Na medida em que a crescente procura de soja não transgênica se aproxima da disponibilidade de fornecimento, o pagamento de premiuns será possível, ou alternativamente, o comércio de soja transgênica será efetuado com descontos. Pode haver situações em que alguns mercados se tornarão disponíveis apenas para o Brasil e não para os seus concorrentes e a soja brasileira será vendida por preços mais altos.
- Alguns analistas da indústria reconheceram as potenciais vantagens econômicas do Brasil não produzir transgênicos. É bastante claro que alguns mercados consumidores adquirem produtos brasileiros especificamente porque não é permitido o plantio de transgênicos no país.
- Brasil possui uma oportunidade única como único grande produtor de soja não transgênica em atender a crescente demanda por produtos não transgênicos. A soja brasileira não transgênica terá vantagens tanto no preço como no volume de vendas.

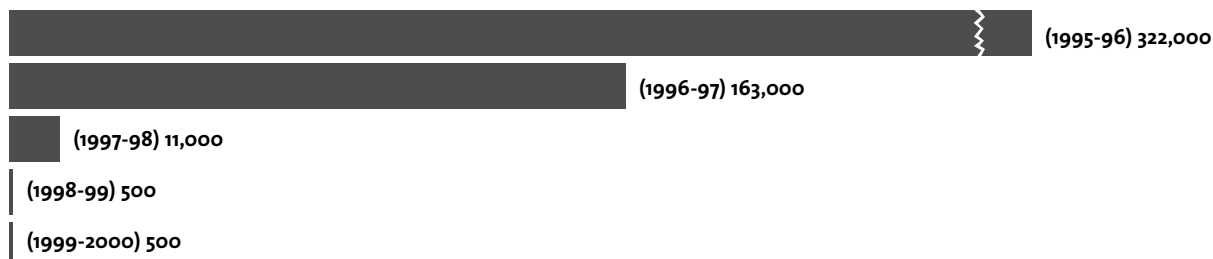
O milho dos EUA e a canola canadense sofreram grandes perdas no mercado, atribuídas ao fato de plantarem culturas transgênicas.

O valor das exportações de milho dos Estados Unidos para a União Européia - US\$ 15, diminuiu de US\$ 305 milhões para US\$ 2 milhões desde a introdução de milho transgênico nos EUA. fonte: extraído do banco de dados do USDA/FAS - FATUS, 10/5/02]



Segundo o analista de mercado do Greenpeace, Lindsay Keenan “Esta perda de mercado para as exportações de milho dos Estados Unidos é freqüentemente atribuída pelos analistas da indústria diretamente ao uso de variedades de milho transgênico nos EUA, que não são aprovadas na Europa, e à rejeição geral de alimentos transgênicos no/pelo mercado europeu.

O volume de exportações de canola canadense para a Europa diminuiu de 322 000 toneladas para 500 toneladas desde a introdução de canola transgênica naquele país. [fonte: Canola Council, citando a Statistics Canada's Cereals & Oilseeds Review (Revista de Estatísticas sobre Cereais e Sementes de Oleaginosas Canadenses)]



Esta perda de mercado para a canola canadense é muito freqüentemente atribuída pelos analistas da indústria, diretamente à rejeição geral do mercado europeu aos alimentos transgênicos. Muitas empresas do setor de alimentação na Europa substituíram diretamente o óleo de canola transgênico importado, por óleo de canola não transgênico produzido na Europa.

As exportações de soja brasileira para a Europa estão em alta, enquanto as exportações dos Estados Unidos estão diminuindo, e a demanda do mercado de rações para animais ainda não produziu efeitos.

O volume de exportações de grãos de soja dos EUA para a Europa caiu de 9.2 milhões de toneladas para 6.8 milhões de toneladas desde a introdução de soja transgênica naquele país. As exportações de soja brasileiras para a Europa aumentaram de 3,1 milhões de toneladas para 6,3 milhões de toneladas, durante o mesmo período.

Importações de grãos de soja para a UE (toneladas)

	1996	1997	1998	1999	2000
USA	9,231,508	7,820,500	6,693,244	6,469,237	6,848,250
Brazil	3,101,646	4,637,268	5,438,787	6,105,756	6,370,400
Argentina	1,307,260	350,493	1,063,112	960,505	381,483

Importações de farelo de soja para a U.E. (toneladas)

	1996	1997	1998	1999	2000
USA	327,514	999,196	1,698,962	444,619	183,343
Brazil	6,615,953	4,958,573	5,900,218	6,364,923	6,126,316
Argentina	4,318,020	3,692,687	5,239,885	8,051,626	7,665,525

[fonte: European Statistical Office (Serviço de Estatística da União Européia), extraído de DataSet: EEC SPECIAL TRADE SINCE 1988,19/11/01]

Há uma série de fatores do mercado mundial que afetaram o volume das exportações de grãos e farelo de soja dos EUA, Argentina e Brasil. No entanto, tal como as declarações de empresas e as análises de mercado citadas neste relatório claramente demonstram, a rejeição internacional de culturas transgênicas, tem aumentado a procura de soja brasileira (não transgênica). Este é um fato que não pode ser posto em dúvida. Até agora o principal efeito da demanda por produtos não transgênicos mais evidente tem sido visto no mercado de soja, uma vez que a primeira onda de rejeição de produtos transgênicos foi notada através da rejeição de soja, lecitina de soja e óleo de soja transgênico para consumo humano direto em produtos alimentícios.

Uma vez que a rejeição de soja transgênica nas rações para animais na Europa só começou no final de 2000, o efeito desta demanda ainda não se refletiu nos dados das exportações. A maioria das empresas terminou de retirar ingredientes transgênicos na alimentação humana antes de fazer o mesmo nas rações para animais. O uso de soja como ração animal representa o grosso do mercado de exportações de farelo de soja e, conseqüentemente, espera-se um aumento futuro da procura de farelo de soja brasileira (não transgênica). No entanto, é importante notar que enquanto os maiores concorrentes do Brasil, os EUA e a Argentina, cultivam atualmente grandes quantidades de soja transgênica, ambos começaram, de forma significativa, a certificar e a exportar recentemente soja não transgênica com garantia, num esforço de manter os seus mercados de exportação.

Incentivos e premiuns para produtos não transgênicos

Alguns agricultores, moageiras e exportadores do Brasil já estão se beneficiando do seu estatuto não transgênico. Os agricultores e empresas que investiram em sistemas de certificação livre de transgênicos, tais como a Cert ID e a SGS, estão recebendo agora premiuns em seus produtos. Grandes empresas com a Bunge, Cargill, Coinbra, Imcopa, Braswey, Brejeiro e Caramuru estão todas exportando soja não transgênica certificada para a Europa.

Por exemplo, segundo com Timothy Carter, chefe do departamento de vendas da Coinbra (a subsidiária brasileira da Louis Dreyfus e um dos maiores exportadores do país), "Os incentivos para granulado normal em Paranaguá versus os utilizados no mercado argentino com grande liquidez eram de US\$ 10 a US\$ 11 (por tonelada). Atualmente são de US\$ 17 a US\$ 20. Pode-se dizer que existe uma maior demanda de farelo brasileiro, uma vez que é tido como não transgênica ... Dependendo do programa, existem diferentes tipos de premiuns. Se houver testes de rastreabilidade de transgênicos, por exemplo, o incentivo é maior". [Reuters, 23/7/01, São Paulo, 'Soja brasileira ganha maiores incentivos como não-transgênica']

Mesmo quando as empresas vendem soja não transgênica sem certificação, existe um premium "escondido". As empresas européias compram diretamente do Brasil, porque os seus produtos são não transgênica, em vez de comprarem no mercado de commodities. Estas empresas estão, portanto, pagando a atual taxa de mercado brasileira em vez da taxa de mercado internacional atual mais baixa, que pode ser a da soja transgênica dos EUA ou da Argentina.

Tal como Cesar Borges de Souza, antigo presidente da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (ABIOVE), explica, “A preferência europeia por soja convencional significa que eles vão procurar os produtos brasileiros primeiro. Em termos de mercado, esta é uma grande vantagem, mesmo se um premiun explícito não esteja sendo pago para a soja convencional”. [Reuters, 6/11/01, Rio de Janeiro, ‘Brazil grags heels on green light for GM soybeans’, por Peter Balckburn].

O Gruppo Maggi, o maior produtor de soja do Brasil, produz 800 000 toneladas por ano de soja não transgênica destinadas a Europa. O presidente da empresa Blairo Maggi, afirmou que “É uma oportunidade única para nós. Possuímos alguns clientes que querem comprar a nossa soja porque podemos certificar como não-transgênica”. [Progressive Farmer, Maio 2000, ‘Brazil focuses on market for non-GMO soybeans’, por Jim Patricio]

A situação é a mesma para o milho. De acordo com Paulo Molinari, analista de milho da Safras e Mercado, o milho brasileiro está sendo comercializado com um incentivo de US\$ 6 a US\$ 7 por tonelada a mais que o milho dos Estados Unidos, uma vez que o Brasil possui o estatuto de não plantar transgênicos. [Reuters, 21/12/01, ‘Brazil GM-free corn exports seen at record’]

Não é possível plantar transgênicos e não transgênicos ao mesmo tempo – as culturas transgênicas contaminam os sistemas de plantio e armazenamento e aumentarão os custos de produção de todo o setor.

No Brasil, alguns acreditam que o país pode cultivar tanto variedades transgênicas como não transgênicas, e permitir que os produtores possam fornecer o que os seus clientes procuram. No entanto, a experiência nos Estados Unidos mostra que esta abordagem é extremamente cara, e talvez impossível.

Em primeiro lugar, é difícil obter sementes não transgênicas, uma vez que elas se contaminam no processo de armazenagem na maioria das plantações. Existem relatórios que mostram que empresas produtoras de sementes não têm conseguido ou não querem vender sementes não transgênicas em algumas regiões dos EUA. [Consultar, por exemplo, a carta de Rodney Nelson (agricultor de soja, em Amenia, Dakota do Norte) à Cropchoice.com, 14/2/01; Successful Farming magazine, Janeiro de 2000, ‘Confronting the backlash’; Jim Worstell (coordenador da Delta Enterprise Network), citado na Cropchoice news 18/1/01; Newsletter of Practical Farmers of Iowa, Outono de 1999 ‘Getting to “zero” with GMO’s’] A American Seed Trade Association (Associação de Comércio de Sementes Norte-Americana) está fazendo lobby para permitir de 1% de contaminação de transgênicos em sementes – o que iria impossibilitar os EUA de fornecer produtos que satisfizessem os padrões europeus quanto a produtos não transgênica.

Em segundo lugar, há problemas de polinização cruzada durante o plantio de culturas – em especial para culturas de polinizadas pelo vento, como o milho. Deste modo, torna-se impossível plantar culturas transgênicas e não transgênica perto umas das outras.

Mais significativo, é muito mais caro manter duas culturas separadamente através do sistema de distribuição do que manter uma única cultura uniforme. O sistema de distribuição – a rede de armazéns de cereais, transporte e instalações para exportação, não estão concebidos para lidarem com duas variedades diferentes de cada commodity.

De acordo com a Cargill, o maior exportador dos EUA de soja e milho, “a segregação, que sugere um sistema de comercialização completamente separado para grãos geneticamente modificados e convencionais..., não é, na nossa perspectiva, nem prática nem economicamente viável. Por outro lado, a logística de um sistema de IP [preservação de identidade], apesar de complicado e mais caro, é fazível... Os grãos convencionais são mais caros de serem produzidos e se a sua identidade tiver que ser preservada, requerem um manuseio muito especial no plantio. De modo a evitar contaminações acidentais com grãos geneticamente modificados que são agora tão comuns nas áreas agrícolas dos EUA, as máquinas têm que ser minuciosamente limpas de campo para campo. Os agricultores precisam ser compensados por estes custos adicionais. Prestar atenção à localização do campo e às condições do vento, de modo a evitar a polinização cruzada. O equipamento de colheita e os silos de cereais têm que ser minuciosamente limpos e os agricultores podem precisar de armazenagem adicional para preservar a identidade de culturas não transgênicas. É necessário passos semelhantes no que diz respeito ao sistema de armazenagem e distribuição do país. É necessário que se preparem e limpem silos separados. Os caminhões têm que ser descarregados no departamento do mercado de matérias-primas correto. Os departamentos do mercado de matérias-primas, os transportadores e o equipamento de carga têm que ser limpos, assim como os caminhões, as automotoras ou os batelões em todas as fases da cadeia de fornecimento. Estes passos extra reduzem a eficácia e aumentam os custos de manutenção.” [Dan Dye Vice Presidente, North American Grain Group, Cargill, Incorporated, discurso ao Agricultural Outlook Forum 2000, 24/2/00, ‘How grain shipping and processing firms are handling bioengineered products’]

Entretanto, Jerry Slocum, presidente da North Mississippi Grain Company, afirmou às indústrias de alimentos, numa visita recente à Europa que “a preservação de identidade rígida pode facilmente duplicar o preço da soja”. [Reuters, 28/11/01, Bruxelas, ‘Full GM separation may double prices’]

Mesmo quando as empresas optam por pagar os custos de manter as commodities separadas, ainda existe um risco de o sistema de segregação não funcionar, como aconteceu desastrosamente quando o StarLink – uma variedade de milho transgênico aprovada para rações animais, mas não para alimentação humana, devido ao seu potencial de efeitos alérgicos – se misturou acidentalmente com a principal cadeia de distribuição de milho em 2000. Após a descoberta, inúmeros produtos alimentícios tiveram que ser testados e um total de 300 produtos diferentes tiveram que ser retirados do mercado. O custo total da contaminação – incluindo a compensação aos agricultores e às empresas do setor de alimentação – foi estimada entre US\$ 100 milhões e US\$ 1 bilhão. Os consumidores que alegaram ter sofrido reações alérgicas processaram as empresas envolvidas, que efetuaram um acordo no valor de US\$ 9 milhões.

As exportações dos EUA foram bastantes afetadas, diminuindo em torno de 3,8 milhões de toneladas em comparação com o ano anterior. [Rooster.com (website de comércio de milho), 9/5/01, 'StarLink corn a problem for US corn exports', por Paul McAuliffe (World Commodity Analysis Corp)]. No Japão, o maior mercado de exportação para o milho dos Estados Unidos, a quota de mercado dos EUA diminuiu de 96% para 53%, como consequência da contaminação. [Estudo efetuado por Japan Starch & Sweeteners Industry Association, citado no Nikkei Weekly, 25/9/01, 'GM food ban fells US corn imports'].

Entretanto, os consumidores americanos perderam consideravelmente a confiança no sistema de regulamentação dos EUA, como resultado deste caso. O StarLink não foi o único caso de contaminação acidental com variedades transgênicas não aprovadas, mas foi o maior até agora.

Exportações de milho não transgênico brasileiro atingem valores recorde - Safras

BRASIL: 21 de Dezembro de 2001 (extratos)

SÃO PAULO, Brasil – A colheita recorde de milho brasileiro de 42 milhões de toneladas desta safra e a sua reputação de não cultivar transgênicos levou as exportações de milho do país a atingirem o seu maior valor alcançado, como afirmou esta semana o analista de milho independente de Safras e Mercado.

O peso líquido das exportações de milho do Brasil de 2001/2002 (Fev.-Jan.) podem atingir um valor recorde de 6,2 milhões de toneladas em comparação com um peso líquido de 1,8 milhões de toneladas da última safra, segundo afirmações do analista de milho da Safras, Paulo Molinhari, à Reuters. “Deverá ser um volume recorde equivalente a 60% das exportações de milho da Argentina, o segundo maior exportador mundial (depois dos Estados Unidos),” afirmou Molinhari...

MILHO BRASILEIRO NÃO TRANSGÊNICO GANHA PREMIUM

Molinhari acrescentou que os compradores internacionais não só têm buscado a maior preferência ao milho brasileiro, como estavam também pagando um premium de US\$ 6 a US\$ 7 por tonelada acima do valor do milho dos EUA, uma vez que as culturas brasileiras não eram geneticamente modificadas. O Brasil é um dos últimos grandes produtores agrícolas no mundo que proíbem a venda de alimentos ou produtos geneticamente modificados, ao contrário dos Estados Unidos e da Argentina, os dois maiores exportadores mundiais.

Apesar dos agricultores brasileiros estarem cada vez mais aumentando o plantio de variedades ilegais de soja transgênica, contrabandeadas da Argentina, o plantio de milho ainda é quase inteiramente feito com variedades convencionais, segundo os analistas. “A Espanha deve manter-se o principal comprador com mais de 770 000 toneladas, seguida pelo Irã com 650 000 toneladas e pelo Japão com mais de 400 000 toneladas,” afirmou Molinhari, ao listar os principais países que importaram milho brasileiro neste ano.

Os dados do Ministério da Agricultura indicavam que tinham sido embarcadas 5,99 milhões de toneladas até 5 de dezembro.

Molinhari afirmou que três empresas internacionais, a Louis Dreyfus, a Cargill e a Glencore tinham negociado o grosso dos embarques. “Existe uma grande quantidade de milho nos Estados Unidos neste momento. O Japão e o Irã podem perfeitamente dirigir-se aos EUA, mas estão preferindo o Brasil para comprar milho não transgênico,” afirmou.

Artigo por Reese Ewing - REUTERS NEWS

Soja convencional ganha mercado

Gazeta Mercantil, 07/05/02, B-14 - Neila Baldi (Brasília)

Para a UFRJ, a oferta de produto não-transgênicos ajuda as exportações brasileiras. A não produção de transgênicos ajudou o Brasil a aumentar as exportações de soja, segundo pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No período de 1995 - início da produção comercial mundial do grão geneticamente modificado - até 1999, as exportações do grão brasileiro cresceram em volume o equivalente 'a perda de mercado extremo dos Estados Unidos e Argentina, principais concorrentes, ou seja, 4 milhões de toneladas.

Com a introdução ilegal do plantio no Brasil, estimado em até 15% da área da safra em todo País pela Associação Brasileira de Produtores de Sementes (Abrasem), porém, há uma tendência de perda de mercado e procura por opções mais seguras como, por exemplo, a soja do cerrado.

Nos últimos três anos, as exportações do complexo soja cresceram muito mais no Centro-Oeste do que no Sul. Segundo o Ministério da Agricultura, entre 1999 e 2001 houve variação de 85% nas vendas externas da soja do Centro-Oeste, para 8,7 milhões de toneladas, em relação a um crescimento de 15% no Sul, que vendeu 14 milhões de toneladas.

A pesquisadora Rafaela Guerrante, da UFRJ, disse que a situação do Brasil parecia favorável 'a produção de culturas convencionais, pois quando s importadores não pagavam adicional, compravam em maior volume. "Mas já não são tão evidentes as vantagens econômicas para o Brasil se manter produtores de sementes não alteradas geneticamente."

Segundo ela, isso se deve ao fato de Ter entrado o grão transgênico ilegalmente no País o que provoca aumento de custos para a segregação. Por isso, Rafaela acredita que a opção seria a soja do cerrado. No estudo, Rafaela mostra que em 1995, o Brasil exportou 3 milhões de toneladas de soja em grão, chegando a 7 milhões de toneladas em 1999. Nesse período, os EUA recuaram de 9 milhões de toneladas vendidas no exterior, em 1995, para 6 milhões de toneladas em 1999 e a Argentina despencou de 2 milhões de toneladas para 1 milhão de toneladas.

Alexandre Catelã, chefe de comunicação e negócios da Embrapa-Soja, em Londrina (PR), no entanto, não acredita nesse ganho. "Poderia Ter sido maior." Isto porque alguns países contrários ao grão transgênico, como, por exemplo, o Japão, têm acordos comerciais que obrigam a compra de determinados produtos, independente de ser grão convencional ou não.

Opinião semelhante tem o analista Flávio França Júnior, da Safras & Mercados. Ele entende que o aumento das vendas do Centro-Oeste ocorreu em razão da fronteira agrícola e não do fato de a soja não ser transgênica. França Júnior acha difícil haver prêmio para o não-transgênico pois, segundo ele, a diferença de preço entre a soja argentina (transgênica) e a brasileira, que tradicionalmente era de 5%, já caiu para algo em torno de 3%.

Mas as empresas certificadoras têm registrado maior procura também pelas esmagadoras do Centro-Oeste. Em 1999, quando começou a atuar no Brasil, a Genetic ID havia certificado apenas 350 mil toneladas de soja, oriunda do Paraná. No ano passado, foram 1,4 milhão de toneladas, sendo 450 mil de Goiás.

Augusto Freire, diretor de Serviços e Testes e Certificação da Genetic ID, disse que as esmagadoras têm exportado esta soja para a Europa, China e Japão. A empresa acompanha todo o processo desde a produção da soja até o embarque, certificando e auditando.

Outra certificadora, também tem registrado procura maior por seus serviços. Patrícia Hellmeister, gerente da SGS, disse que, além da soja, a empresa certifica também o milho. No início das atividades no Brasil, a SGS havia certificado 400 mil toneladas de soja (grão e farelo) e, no ano passado, foram 3,5 milhões de toneladas, além de outras 5 milhões de toneladas de milho. Patrícia diz que os mercados potenciais são a Europa, o Japão e a China, mas que este país só faz o controle no embarque e não rastreia todo o processo. "Fala-se no mercado em pólos produtores", diz Adriano Timossi, da FNP Consultoria. O Maranhão, por exemplo, estaria exportando 'a China, país contrário aos transgênicos.

Empresas certificam mais

Indústrias esmagadoras de soja que atendem tanto o mercado interno quanto externo tem procurado certificar a soja como não-transgênica. Com o processo de certificação, que inclui a rastreabilidade do produto, muitas empresas têm conquistado novos mercados.

A Imcopa, de Araucária (PR), que não exportava lecitina de soja, passou a vender para o exterior depois que iniciou o processo de rastreabilidade. Por ano, a indústria produz 6 mil toneladas de lecitina - exporta 70% - e outras 450 mil toneladas de farelo de alta proteína, que vão para Itália, Inglaterra e Chile.

“O investimento vale a pena porque somos líderes no mercado”, diz Enrique Traver. O prêmio ainda não justifica o investimento, de US\$ 350 mil por ano, mas com a certificação a empresa atingiu mercados mais seletivos. Em São Simão (GO), a Caramuru exporta 100% do farelo de soja certificado para a Inglaterra, França e Itália. O processo de segregação. O processo de segregação iniciou em 2000 e, no ano seguinte, a certificação dessa soja.

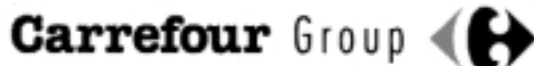
A estimativa para este ano é que a empresa exporte 350 mil toneladas de soja classificada como não-transgênica. César Borges, diretor da Caramuru, diz que a certificação foi uma exigência dos importadores. Apesar de não revelar o prêmio, Sousa afirma que a empresa paga mais por esta soja, não só porque é certificada, mas também porque trata-se de farelo com alto teor de proteína. Para a certificação da soja, a Caramuru investe US\$ 100 mil/ano.

A Olvebra, de Eldorado do Sul, que trabalha com produtos voltados para a saúde tem toda a sua produção certificada. A empresa adquire a matéria-prima da Cooperativa de Produtores de Três de Maio (Cotrimaio), que é auditado por uma instituição francesa.

Marcelo Schaid, diretor comercial afirma que a empresa tem o controle da produção desde o plantio até à indústria.

Na Europa, o mercado já está fechado aos transgênicos para a alimentação humana há alguns anos

A grande maioria dos principais varejistas e produtores de alimentos – incluindo empresas como a Nestlé, a Unilever, a Kraft e a Danone, assim como a grande maioria dos principais varejistas – já deixaram de utilizar transgênicos em seus derivados, ex. lecitina de soja, óleo de soja e amido de milho, como ingredientes nos seus produtos alimentícios



A demanda dos consumidores europeus por produtos livres de transgênicos continua grande

Eurobarômetro 55,2 : GMOs : an important issue
Comissão Europeia - 6 de Dezembro de 2001

<http://europa.eu.int/comm/research/press/2001/pro612en.html>

Se tornaram públicas uma série de questões sobre de atitudes relativamente aos alimentos geneticamente modificados. A mais comum é a exigência ao direito de informação e liberdade de escolha: 94,6% dos europeus querem ter seu direito de escolha no que se refere a alimentos geneticamente modificados. Não há exceções a esta exigência, que tem atingido de forma consistente os valores mais altos de entre todos os vários subgrupos que constituem a amostra.

Em segundo lugar, as pessoas querem informação: 85,9% dos entrevistados afirmaram que querem “saber mais sobre este tipo de alimentos antes de consumi-los”. Mais uma vez, esta opinião é extremamente importante, pois é a noção de que deveria haver provas científicas de que estes alimentos são seguros antes de poderem ser consumidos em larga escala (85,8%).

A rejeição desde o princípio (“Não quero este tipo de alimento”) é a atitude de 70,9% dos entrevistados. Apesar deste tipo de atitude estar bem disseminado na Europa, é, no entanto, alvo de algumas variações. As pessoas com um maior grau de conhecimento (de 11 a 13) inclinam-se menos a subscrever esta opinião, mas a diferença é pequena: 65,4% (relativamente a uma média de 70,9%). De forma semelhante, 64,3% da população mais jovens (15- 24 anos) adotam esta atitude de total rejeição em oposição aos 74,8% dos mais idosos (65 anos ou mais).

Relativamente à questão “Os OGMs podem ter um efeito negativo no ambiente”, de acordo com o nível de conhecimento (%UE 15) 59,4% dos europeus afirmam que os OGMs podem ter um efeito negativo no ambiente, mas 28,7% não têm opinião. Quanto maior é o nível de conhecimento, menor o número de respostas “não sei” e, ao mesmo tempo, maior o número de pessoas que acreditam que possam vir a ter efeitos negativos no ambiente. De entre aqueles com um menor nível de conhecimento (o a 4 segundo o nosso índice), 43,0% não sabem e 47,7% supõe que podem haver ocorrer conseqüências negativas, enquanto que naqueles com um maior nível de instrução (11 a 13), a percentagem de respostas “Não sei” diminui para 22,1%, e 66,0% concordam com a afirmação.

As duas últimas questões foram formuladas de uma forma “positiva” relativamente aos transgênicos. A primeira sugere que “os perigos têm sido exagerados pela mídia”. Um terço dos Europeus (33,1%) concordam com esta afirmação, enquanto que 44,3% discordam. Estas proporções pouco variam de acordo com critérios sócio-demográficos com exceção, mais uma vez, dos mais jovens (37,6% de entre os com 15-24 anos). Por outro lado, esta opinião é freqüentemente apoiada pelos Dinamarqueses (41,8%), pelos Britânicos (43,9%) e pelos Gregos (51,8%).

A segunda afirmação: “este tipo de alimento não representa qualquer perigo em particular” é rejeitada por 54,8% dos entrevistados e apoiada por 14,6%. Os entrevistados nos Países Baixos e em Portugal estão com uma percentagem ligeiramente superior de apoio (23,1% e 24,3%, respectivamente).

Com exceção de alguns milhares de hectares de milho transgênico na Espanha, não são há plantio comercial de transgênicos na Europa.

Este milho (Bt 176) está em vias de ser ‘banido’, uma vez que contém um gene marcador de resistência a antibiótico e é consenso na comunidade científica, pelo menos na Europa, é de que existe o perigo real de que esta resistência a antibiótico possa ser transferida para bactérias que provocam doenças nos seres humanos, tornando a bactéria resistente aos antibióticos que são normalmente indicados no tratamento de doenças.

Milho transgênico – o avanço da ciência em 1996; largamente condenado em 1999; banido em 2002.

Uma vez que o mercado de rações para animais é o destino da maior parte das culturas transgênicas, como a soja e o milho, a crescente rejeição de transgênicos neste mercado é especialmente significativa para os exportadores brasileiros.

Como um número crescente de empresas européias já eliminou o uso de ingredientes transgênicos dos seus produtos alimentícios, elas agora passaram a agir da mesma forma em relação a toda cadeia alimentar, eliminando também o uso de transgênicos nas rações para os seus produtos derivados de aves, suínos, bovinos e peixes de viveiro.

Estas empresas incluem os maiores varejistas europeus (Carrefour e Tesco) e os maiores produtores europeus de aves, como a Nutreco e a Wiesenhof, dos Países Baixos e da Alemanha, respectivamente. Uma grande parte da produção européia de aves já utiliza apenas rações não-transgênicas e as empresas estão trabalhando com os seus fornecedores no sentido de excluírem rações transgênicas de toda a produção animal, incluindo carne de vaca, carne de porco, ovos e laticínios.

Em um relatório de maio de 2001, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos afirmou que, “Durante os últimos 12 meses, a procura de farelo de soja não-transgênica certificada aumentou de praticamente zero para 20-25% do mercado da UE, de acordo com entidades oficiais da indústria de rações compostas”. Desde então tem havido uma série de compromissos por parte das principais empresas de toda a Europa no sentido de apenas utilizarem rações não-transgênicas. [www.fas.usda.gov/oilseeds/highlights/052501.pdf]

As medidas tomadas pelos varejistas e industriais de alimentos europeus vinham procurando garantir rações não-transgênicas para animais criados na Europa, uma vez que estes constituem o grosso da produção de carne “fresca”. Mas agora, uma vez que continuaram com o processo, sua atenção está também voltando-se para produtos feitos com aves e suínos importados da Tailândia e do Brasil.

Trouw Aquaculture (Uma empresa da Nutreco) – Comunicado à imprensa, março de 2000.

“A soja e seus derivados da Trouw Aquaculture não são transgênicos, com certificação do fornecedor de IP (preservação de identidade) e testes de PCR... Toda a ração para peixes da Trouw Aquaculture (RU) está agora em conformidade com esta nova política de não adoção de transgênicos.”

McDonalds restaurants Ltd

Matthias C. Baumgarten, Diretor de Comunicação, McDonalds Alemanha (carta ao Greenpeace, 13 de Novembro de 2000).

“Em conformidade com o aumento da consciencialização por parte dos consumidores na Alemanha, já decidimos durante este ano aprovar apenas ração animal que não contenha ingredientes geneticamente modificados. Nossos fornecedores irão procurar rações para animais somente em países e regiões onde não sejam cultivadas variedades geneticamente modificadas (por exemplo, sementes de soja do Brasil)”

Keith Kenny, Diretor do Departamento de Controle de Qualidade, McDonalds Reino Unido

“Em relação às rações, o McDonalds no Reino Unido tomou a decisão de deixar de utilizar rações animais que contenham ingredientes transgênicos ...O nosso fornecedor de aves já utiliza farelo de soja de origem brasileira, que é essencialmente não-transgênica. Continuamos a trabalhar em conjunto com os nossos fornecedores de produtos derivados de carne de vaca, carne de porco, ovos e laticínios a fim de identificar as fontes de rações não-transgênicas para animais ...”

(carta ao Greenpeace, 13 de Novembro de 2000).

[Foram consolidados compromissos semelhantes pelo McDonalds na Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Suíça, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Suécia.]

Migros – principal varejista da Suíça - 45% do mercado de carne de suíço, 50% do mercado de aves.

“A MIGROS passará a ter produtos livres de transgênicos em rações para todos os seus produtos rotulados derivados de aves, carne, leite e ovos (60% dos seus produtos animais são rotulados).” A partir de 1 de Agosto de 2000, os 3500 produtores que fornecem produtos de origem animal à Migros têm que utilizar exclusivamente ração não-transgênica para os seus animais.”

Delhaize-Le-Lion / Delhaize-De-Leeuw – segundo maior retalhista da Bélgica

“...A Delhaize decidiu no início de 1999, eliminar os ingredientes derivados de OGMs nos seus produtos brancos ...Na mesma linha de ação, a empresa decidiu ir mais longe e pedir aos operadores da pecuária para organizarem e preservarem cadeias alimentares não-OGM, através de sistemas de rastreabilidade e de controle. Os fabricantes de rações para animais preferem a soja das províncias do Norte do Brasil, assim como o milho de origem europeia.

Posição escrita, 13 de Outubro de 2000

Tesco o principal retalhista no Reino Unido

“A Tesco deu mais um passo no seu programa de eliminação de ingredientes GM dos seus produtos alimentares brancos. Aos fornecedores de carne fresca é agora pedido que retirem a soja e o milho GM das rações para animais utilizadas na cadeia de fornecimento de carne fresca da Tesco. Este passo foi confirmado após uma pesquisa de opinião dos clientes, que mostrou que mais de 76% dos clientes da Tesco no RU querem carne criada com uma dieta não-GM.”

Declaração de política, Janeiro de 2001

ASDA: segundo maior retalhista no Reino Unido

A ASDA anunciou hoje que, para dar resposta às exigências dos seus clientes, vai passar a pedir aos seus fornecedores para obterem a farinha de soja para as rações para animais de fontes não-GM. Uma sondagem recentemente levada a cabo junto de 1007 pessoas (encomendado pela ASDA e realizada pela Phonebus-poll) revelou que, se tiverem oportunidade de escolha, 64% das pessoas prefeririam comprar produtos de animais criados com dieta não-GM.

Press release, 26 de Janeiro de 2001

Aveve: principal produtor de rações da Bélgica

“Uma vez que a Aveve trabalha atualmente quase exclusivamente com matérias-primas sujeitas a controle de OGMs, mais de 80% da nossa produção já é constituída por rações controladas.” Hendrix, a terceira maior empresa no mercado belga, também escreveu ao Greenpeace em junho de 2001: “A nossa empresa pode fornecer rações não-transgênicas certificadas para todos os tipos de animais. Como reação às exigências precisas do mercado, foram tomadas medidas no sentido de eliminar OGMs das rações para animais.”

Carta ao Greenpeace, Junho de 2001

Soya Hellas: principal importador de soja na Grécia

“Gostaríamos de informar que a Soya Hellas SA importa exclusivamente grãos de soja não-transgênica certificada, o que já está em prática desde meados de junho de 2001.”

Carta ao Greenpeace

Pingo Poultry: Países Baixos

“Como subsidiária da Nutreco em Boxmeer, o nosso princípio orientador é o do cumprimento das regulamentações legais. Além disso, orientamos a nossa política pelo mercado ou pelo consumidor. Após termos recebido pedidos da maioria dos nossos clientes, desde Maio de 2000 que apenas usamos soja não- GM para alimentar os frangos da Pingo Poultry.”

Wiesenhof: principal produtor de aves da Alemanha

“As aves da Wiesenhof são alimentadas com rações para animais produzidas nas próprias instalações de produção de rações da Wiesenhof. Isto garante o controle de todos os ingredientes nela utilizados. A soja utilizada nas rações para animais da Wiesenhof é exclusivamente importada do Brasil. De modo a garantir maior segurança, a Wiesenhof realiza testes adicionais para detectar possíveis contaminações de transgênicos. Isto assegura que todos os produtores de aves que fornecem à Wiesenhof utilizam rações não transgênicas para animais . Desde julho de 2000, a Wiesenhof garante que a sua soja é acompanhada por um processo de rastreabilidade que alcança até a fábrica de extração de óleo, no Brasil.” Para mais informações: www.wiesenhof.de

(Fonte: carta da Wiesenhof dirigida ao Greenpeace por Paul-Heinz Wesjohann e Peter Wesjohann, de 17 de abril de 2000 e carta dirigida a Ruth Diemel-Stinglhammer, da Wiesenhof, por Ralph Arberg, de 23 de maio de 2000)

Superquinn, principal retalhista da Irlanda

De acordo com esta publicação, a Superkinn vai importar farelo de soja não-transgênica de modo a dar garantias de que os seus frangos são alimentados com uma dieta a base de produtos não transgênicos. A empresa afirma que esta mudança é uma resposta às preocupações dos consumidores sobre a alimentação dos animais comercializados. A Superquinn afirma que levou um ano para assegurar o fornecimento de alimento não-transgênico adquirido no norte do Brasil. A Superquinn implementou um programa de testes sistemáticos de modo a garantir que a dieta dos frangos não contém ingredientes transgênicos (Os frangos serão criados pelo Carton Group em Co Monaghan".)

ARMAZENAGEM PARA IMPORTAÇÃO DE RAÇÕES NÃO-TRANSGÊNICAS PARA FRANGOS – 4 de janeiro de 2001 - Irish Times - Declan Fahy

Agra Tagger : segundo produtor de rações para animais da Áustria

O produtor de rações austriaco propôs-se o objetivo de produzir rações não transgênicas: Na fábrica em Marchtrenk, província da Áustria, a Agra Tagger irá deixar de utilizar farelo de soja transgênica a partir de abril de 2001. Este é o primeiro passo no sentido da empresa mudar para uma produção de alimentos livres de transgênicos. Michael Kauer, diretor administrativo da empresa, afirmou que os fornecedores são obrigados a provar que as matérias-primas para a produção da Tagger são derivados apenas de sementes não-transgênicas.

Esmagadora de soja da noruega lucra na Europa devido ao seu estatuto de não utilizar transgênicos

Extrato do Oilseeds and Products Annual, relatório do USDA, 31 de dezembro de 2001.

A Noruega continua a recusar importações de soja geneticamente modificadas (OGM) e está abastecendo sua demanda com grãos não- transgênicos produzidos no Brasil, sob planos especiais de controle.

Denofa, a única indústria esmagadora da Noruega, está capitalizando com a sua capacidade de garantir produtos sem transgênicos e a grande quantidade de demanda destes produtos na Europa. Atualmente, a empresa mói 30% de grãos a mais do que fazia anteriormente e está expandindo sua clientela. Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683078

Atualização sobre sementes de oleaginosas FRANÇA, 8 de abril de 2002

Devido ao interesse francês em grãos não-transgênicos, a soja brasileira irá capturar a maior parte da crescente demanda francesa por soja não-transgênica destinada á alimentação animal em 2001/02, a custa dos grãos de soja dos EUA. A indústria francesa de rações está pedindo aos seus fornecedores que importem soja e farelo de soja a fim de rotular os produtos que contenham mais de 1% de materiais transgênicos. Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683895

Heinz: Abril de 2002 (Declaração sobre a política da empresa)

INGREDIENTES GENETICAMENTE MODIFICADOS

- A Heinz se compromete a tomar todas as medidas necessárias para garantir que os produtos da Heinz permaneçam sem ingredientes derivados de grãos geneticamente modificados, o que inclui as rações para animais produzidas com base em grãos não-transgênicos.
- Onde existe a possibilidade de materiais geneticamente modificados estarem presentes ou quando os ingredientes são derivados de soja ou milho, nós procuramos fontes não-transgênicas, identificando os ingredientes com preservação de identidade não-transgênica através de fornecedores cuidadosamente inspecionados. Além disso, testes independentes são realizados.
- A utilização de grãos geneticamente modificados em rações para animais é uma questão agrícola complicada, em especial no que diz respeito às “commodities”, que são muito usadas como ingredientes de matérias-primas para manufatura de produtos alimentícios. Apesar disto, a Heinz tem trabalhado com esta questão.
- Como resultado do que conquistamos até a data e do nosso programa de revisão contínua de ingredientes, os fornecedores que utilizamos para carne de vaca, de cordeiro e aves não utilizam rações animais que contenham transgênicos. Continuamos, ainda, a rever as nossas estratégias de seleção de fontes para carne de porco, com o objetivo de garantir um padrão semelhante, atingindo simultaneamente os mais altos padrões técnicos e de qualidade.
- No que diz respeito a outros ingredientes, como produtos derivados de ovos e laticínios, continuamos a efetuar progressos como parte do nosso programa de revisão de produtos transgênicos.

O produtor italiano de aves, o Grupo Fileni, explica o seu sistema para rações não-transgênicas

Carta do Grupo Fileni, 2 de Novembro de 2001.

Política de transgênicos adotada pelo Grupo Fileni.

O Grupo FILENI, parte do mercado nacional de produção e comercialização de carne de aves e coelhos, desde 1998 tem funcionado de acordo com as regulamentações UNI EN ISO 9002:1994, certificando o seu sistema de gestão de qualidade para toda a cadeia de produção alimentar, não só cuidando da produção e distribuição dos produtos, mas também da criação e produção de ração animal.

Em relação à inspeção e verificação na cadeia alimentar de não transgênicos, há cerca de um ano efetuamos um acordo comercial para o fornecimento de soja (farelo e óleo) e de milho (grãos) com determinados fornecedores, que já estavam qualificados para tais fornecimentos.

O controle de qualidade é realizado de acordo com critérios de avaliação que incluem:

- aceitação de regras de comportamento e contratos relacionados;*
- assinatura de compromissos escritos para fornecimento de produtos que não derivem de organismos geneticamente modificados;*
- inspeção das instalações, premissas e métodos dos fornecedores;*
- certificados de análise.*

Como uma garantia adicional ao fornecimento, exigimos regras específicas ou procedimentos de verificação, declarações das empresas de sementes certificando que os produtos fornecidos não derivam de transgênicos ou mesmo certificação por terceiros.

Os ingredientes não-transgênicos são processados na nossa fábrica em Monsano (AN) para a produção de ração animal.

Em relação à produção de ração animal, preparamos um Plano de Qualidade a fim de descrever as várias fases dos procedimentos de produção, no que diz respeito à identificação dos silos, limpeza da linha de montagem e do equipamento, durante a armazenagem, produção e entrega da ração animal.

Também preparamos um plano de inspeção (por amostragem) tanto para ingredientes que chegam como para os produtos acabados de ração animal (assim como verificação dos procedimentos de produção e limpeza); estas análises são efetuadas em parte pelo nosso laboratório interno e em parte por laboratórios externos qualificados. O departamento de análise do nosso laboratório interno utiliza equipamento Real Time PCR (BioRa) capaz de proporcionar tanto dados qualitativos (presença/ausência de transgênicos) como quantitativos, expressos em percentagem de DNA transgênico no DNA total extraído. Estas análises são efetuadas por pessoal qualificado, adequadamente treinado para efetuar este tipo específico de análise.

No entanto, aceitamos cerca de 1% de contaminação máxima para a presença acidental de material derivado de transgênicos, utilizando como base o limite estabelecido para o setor alimentar (Reg. nº 49/2000 da CE).

A Grampian iniciará a produção de ração animal sem organismos transgênicos



Grupo de Alimentos Grampian Country – Comunicado à imprensa, 02 de Fevereiro de 2001.

O Grupo Alimentício Grampian Country anunciou ontem que começará a produzir toda a sua ração para porcos e aves sem soja geneticamente modificada até Junho de 2001. Essa decisão foi tomada devido aos pedidos de vários de nossos clientes para que não usássemos soja transgênica em nossas rações animais.

Sobre esse anúncio, Alban Denton, diretor da divisão de rações Grampian, disse: “Já há algum tempo vínhamos negociando com nossos fornecedores soja não-transgênica para nossas rações. Com o apoio de nossos revendedores, estamos agora em posição de oferecer ração livre de organismos geneticamente modificados para aves e porcos, com a garantia de um rígido esquema de segurança e Preservação de Identidade. Os consumidores podem ter certeza de que os animais alimentados pela Grampian têm uma dieta livre de transgênicos”.

Ao tomar essa decisão o grupo de alimentos Grampian Country passa a ser o primeiro grande produtor do Reino Unido de ração animal a produzir rações livres de transgênicos, em resposta ao pedido de consumidores e revendedores.

Onde a ração for fornecida por empresas terceirizadas, a Grampian cooperará tanto com os fazendeiros quanto com os produtores de ração, ajudando-os a conseguir soja não-transgênica nos mesmos padrões de qualidade.

Notas adicionais:

1. O Grupo de Alimentos Grampian Country produz 3.8 milhões de galinhas e 24.500 porcos por semana. Para sustentar essa atividade a divisão de rações Milling produz 20.000 toneladas de composto de ração de aves e porcos

2. Rigidez na preservação de identidade da soja não-transgênica: o Grupo de Alimentos Grampian Country possui inúmeros procedimentos que atuam durante a cadeia de fornecimento e produção, constituindo um rigoroso esquema de qualidade para garantir a Preservação de Identidade. Esses procedimentos são garantidos por testes PCR, qualquer resultado positivo leva à rejeição do fornecimento por parte da Grampian Country. Todo o processo é validado por uma auditoria externa independente.

As exportações de soja e milho e a indústria de alimentos brasileiros devem continuar livres de transgênicos para atender às demandas do mercado europeu e às exigências dos consumidores.

Os varejistas europeus estão exigindo rações animais não-transgênicas para produzir carne, por isso os exportadores brasileiros de aves e suínos necessitam de grandes quantidades de soja não-transgênica para suprir essa demanda. Caso contrário, estarão se arriscando a perder volumes significativos no mercado de exportação.

Gazeta do Povo, Curitiba, 24 de março de 2002

Gazeta do Povo – Secretário, qual a sua opinião sobre os transgênicos?

Deni Schwartz – Não há como ter uma opinião pessoal sobre o assunto. No mundo inteiro esta questão é discutida a nível científico. Se o governo federal autorizar a liberação de transgênicos, não poderemos deixar de plantar. Mas isto deve ser feito de maneira controlada, com identificação, certificação, etc. Nosso consumidor está cada vez mais exigente, deixando bem claro o que quer ou não comer. Este fato vai nortear o plantio. O que mais nos preocupa não é nem na área científica nem na ambiental, é a questão do mercado. Recentemente consultei a Sadia sobre sua posição em relação aos transgênicos. A empresa não aceitaria aves que foram alimentadas com transgênicos, pois iria perder mercado na Ásia e na Europa. Se o Brasil perder mercado por causa dos transgênicos, o estado do Paraná terá uma crise social. Por isso, na minha opinião, essa questão tem que ser discutida a nível social. O plantio convencional já enfrenta barreiras na Europa e isso é um problema muito sério.

A empresa SADIA, maior exportadora brasileira de aves, já colocou em prática sistemas de rastreabilidade para excluir qualquer uso de soja, milho ou seus derivados transgênicos.

A Sadia é a maior produtora brasileira de aves e suínos. Em 2000, a Sadia foi responsável por 11,8% da produção total brasileira de frangos e por mais de 90% da produção de peru no Brasil. A Sadia representa 28,7% das exportações brasileiras de aves. Em 2000, a Sadia representou 12% da produção brasileira de carne suína e foi responsável por 17,8% das exportações brasileiras de carne suína.

Presidência Executiva

S

Sadia

Sadia S.A.
Rua Portuária Faria, 628 - 1º andar
06090-901 São Paulo SP Brasil
Tel. 55 11 3549 3340 / 3549 3368
Fax. 55 11 3549 3389 / 3549 1777

São Paulo, 30 de janeiro de 2002.

Informamos que os produtos constantes da listagem anexa, produzidos por esta empresa, contêm derivados de soja ou de milho não geneticamente modificados, vide anexo 1.

Apesar do cultivo de organismos geneticamente modificados ser proibido no Brasil, adotamos as medidas abaixo relacionadas, a fim de evitar a aquisição de matérias-primas modificadas geneticamente:-

Medidas de controle de organismos (soja e milho) geneticamente modificados

O controle na Sadia inicia-se na compra de grãos e farelos para a alimentação dos animais (matrizes e animais para corte - frango, peru e suíno) e continua na fabricação de produtos. Esclarecemos que os bovinos são alimentados com pastagens (grass-fed).

1. Controle da alimentação dos animais

1.1. Grãos de soja

a) Antes da aquisição, são coletadas amostras nas lavouras de grãos, nas regiões geográficas de abastecimento (oeste e sudoeste do Paraná), com testes nas folhas da soja. Caso os resultados sejam positivos, o fornecimento é descartado.

b) Durante o recebimento dos grãos, onde são processados, são efetuados testes com kits, para a detecção de grãos modificados. Em casos de lotes positivos, as cargas são devolvidas e o fornecedor descartado.

1.2. Grãos de milho

Durante o recebimento dos grãos, nas fábricas de ração, são efetuados testes com kits para a detecção de organismos geneticamente modificados. Em casos de lotes positivos, as cargas são devolvidas e o fornecedor descartado.

1.3. Farelos

a) Produzimos de 35% a 40% de farelo próprio, com controle efetuado tanto nas lavouras quanto no recebimento na entrada das fábricas, como explicado acima.

b) Todo farelo de terceiros é adquirido de fornecimento nacional, de fornecedores credenciados e aprovados, com contrato formal e envio quinzenal de suas planilhas de rastreabilidade e controle dos grãos utilizados na elaboração do farelo.

2. Controle na fabricação de produtos

2.1. Acordo com fornecedores de derivados de milho e soja

Os fornecedores apresentam seu plano de rastreabilidade dos grãos que compõem os lotes dos insumos enviados à Sadia. Este rastreamento inicia-se com a identificação das plantações, o transporte e o armazenamento dos grãos, a produção, embalagem e armazenamento destes insumos e expedição para a Sadia.

2.2. Laudos de análise de fornecedores

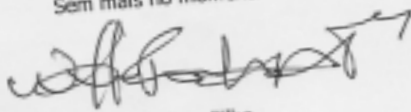
Além da rastreabilidade, os fornecedores enviam, ainda, laudos comprobatórios de cada lote de insumos.

2.3. Exames de recebimentos dos derivados de soja e milho.

Os lotes destes derivados são identificados por ocasião do recebimento nas fábricas da Sadia e registrados/codificados para fins de coleta de amostras e de rastreabilidade destes insumos. Realizam-se análises de GMO nestas amostras e resultados positivos implicam na devolução do lote, com ônus para o fornecedor.

A nosso ver estas medidas têm se mostrado suficientes para garantir que os produtos listados não contêm organismos modificados.

Sem mais no momento



Walter Fontana Filho
Diretor Presidente

As empresas européias estão expressando sua preocupação quanto ao plantio de soja transgênica no Brasil

Por diversas vezes tem se noticiado na Europa sobre a contaminação no Brasil de campos de soja por variedades transgênicas. Estas notícias normalmente provêm da própria indústria de biotecnologia, que tenta convencer os compradores de soja de que já não é mais possível comprar soja não-transgênica. Apesar da maioria dos produtores europeus saber que os níveis de contaminação são muito menores do que a indústria de biotecnologia quer fazer crer, muitas empresas estão cada vez mais preocupadas com a hipótese do Brasil aprovar culturas transgênicas num futuro próximo.

FEDERAÇÃO DE AGRICULTORES SUECOS

Nossa Ref.º. 1999/0073 ,

17 de fevereiro de 1999.

Ministério da Agricultura do Brasil

CC

Embaixada Brasileira

Sturegatan 11

114 36 Stockholm

Firmamos a nossa necessidade por grãos de soja não-transgênica

Os consumidores, sindicatos, organizações e comerciantes do setor de alimentos exigem total transparência e segregação de alimentos transgênicos. A maioria deles também exige alimentos não-transgênicos. Por isso a indústria de alimentos sueca importa grãos e farelo de soja principalmente do Brasil, que ainda pode oferecer soja convencional. A Suécia importa um total de 350 000 toneladas de farelo de soja por ano (1998). Deste total, 250 000 toneladas são importadas pela The Swedish Farmers Purchasing and Marketing Association (Lantmännen), uma importante parte da Federação dos Agricultores Suecos.

Temos conhecimento de que a Monsanto está tentando aprovar a liberação da soja Roundup Ready no Brasil. Estamos acompanhando o processo no Brasil com bastante interesse. Independente do resultado do processo de aprovação, os agricultores suecos pretendem continuar comprando grãos de soja não-transgênica. Gostaríamos de frisar que é importante para nós, hoje e no futuro, ter matérias-primas confiáveis que possam fornecer produtos derivados de grãos de soja não-transgênica. Portanto, esperamos que o Brasil continue livre de transgênicos. Também queremos receber documentações legais sobre a identidade dos produtos derivados de grãos de soja, o que também requer que os grãos de soja convencionais e transgênicos sejam segregados.

Atenciosamente,

Federação dos Agricultores Suecos

Olle Hakelius

Vice-presidente e presidente da LRF Gene Technology Committee

*British Poultry Councils
Europoint House,
5-11 Lavington Street,
London SE1 0NZ
email: bcp@poultry.uk.com*

*O British Poultry Council (BPC) representa as empresas responsáveis por mais de 90% da produção de carne de aves do Reino Unido (e também criadores e incubadoras):
www.poultry.uk.com/news/press/launch.htm]*

Estas empresas utilizam uma média de 1,4 milhões de toneladas de soja por ano (estimativa GP).

*De: Peter bradnock
Enviado: 04 de Dezembro de 200, 11:39
Para: 'secom@infolondres.org.uk'
Assunto: SOJA NÃO-TRANSGÊNICA
A/C: Conselheiro Eduardo Botelho Barbosa, Embaixada do Brasil, Londres*

Caro Conselheiro

É com alguma preocupação que o British Poultry Council foi informado de que o fornecimento de soja não-transgênica do Brasil pode ser posto em risco devido a propostas do governo brasileiro de autorizar a cultura de variedades de soja transgênica.

Como deve ser de seu conhecimento, existe atualmente uma oposição de alguns setores da sociedade do Reino Unido a ingredientes transgênicos nos alimentos e também em rações para animais. Como resultado, os maiores varejistas estão exigindo que os criadores de aves do Reino Unido forneçam carne de aves que não tenham sido alimentadas com rações que contenham ingredientes transgênicos.

Atualmente, os produtores britânicos de aves consideram o Brasil um fornecedor confiável de quantidades significativas de soja não-transgênica e gostariam de poder continuar obtendo este tipo de soja a partir de seu país.

Gostaríamos de ser informados sobre medidas que estejam sendo implementadas ou propostas no Brasil e que possam afetar o status não transgênico da soja brasileira. Pedimos que transmita nossas preocupações sobre este assunto a seu Governo.

*Atenciosamente,
Peter Bradnock
Chief Executive*

O risco de contaminação de transgênicos e a necessidade de cumprir a legislação europeia sobre rastreabilidade de organismos geneticamente modificados significa que as empresas europeias começam gradualmente a comprar soja não-transgênica certificada, completamente rastreável

A legislação europeia sobre rotulagem e rastreabilidade de organismos geneticamente modificados, que deve ser adotada no final deste ano, irá incluir normas de rotulagem para rações animais e óleo de soja. Isto irá de encontro à exigência feita pelos consumidores e pela indústria no que diz respeito ao direito de escolha entre transgênicos e não-transgênicos. Espera-se que aumente a rejeição a ingredientes transgênicos, em especial na indústria de rações.

A Comissão melhora as leis sobre rotulagem e rastreamento de transgênicos na Europa de modo a permitir a liberdade de escolha e garantir a segurança ambiental

Citações do comunicado de imprensa da Comissão Europeia sobre a futura legislação da U.E.
IP/01/1095 - Bruxelas, 25 de julho de 2001.

A Comissão Europeia adotou hoje um pacote legislativo importante sobre organismos geneticamente modificados (transgênicos). O pacote consiste numa proposta de rastreabilidade e rotulagem de transgênicos e de produtos produzidos a partir de organismos geneticamente modificados e uma proposta sobre a regulamentação de rações e alimentos transgênicos. O pacote exigirá a rastreabilidade de transgênicos durante todo o processo – da plantação até o produto para consumo – e irá proporcionar aos consumidores informações através da rotulagem de todos os alimentos e rações que consistam, conttenham ou sejam produzidos a partir de um produto transgênico.

Rastreabilidade
A rastreabilidade implica na capacidade de localizar produtos através da cadeia de produção e distribuição. Para determinados produtos, a rastreabilidade já existe há muitos anos. No entanto, não existem atualmente requisitos específicos de rastreabilidade para produtos que conttenham transgênicos ou derivem de organismos geneticamente modificados. A regulamentação proposta torna possível rastrear transgênicos através da cadeia de produção e distribuição. A rastreabilidade facilita o monitoramento de qualquer efeito na saúde humana e no meio ambiente, para uma rotulagem precisa e para controlar pedidos de rotulagem. A capacidade de rastreabilidade também é necessária para permitir a retirada do mercado, em caso de efeitos adversos inesperados.

Na nova regulamentação, a rastreabilidade é assegurada ao obrigar os operadores comerciais a transmitir e reter informação de cada fase da colocação no mercado. A indústria tem que possuir sistemas que permitam a identificação da origem e do destino de produtos transgênicos. As informações relativas à presença de transgênicos têm que ser transmitidas ao longo de toda a cadeia comercial e devem ser mantidas durante cinco anos.

A transmissão e a armazenagem de informação reduzirá a necessidade de amostragem e teste dos produtos. A fim de facilitar uma abordagem coordenada de inspeção e controle pelos Estados Membros, a Comissão irá desenvolver orientações técnicas relativas a métodos de amostragem e teste antes da aplicação da regulamentação proposta.

Rotulagem – Em comparação com o sistema de rotulagem em prática atualmente, a proposta para rações e alimentos transgênicos acrescenta a rotulagem de: 1) Todos os alimentos produzidos a partir de organismos geneticamente modificados independentemente de existir DNA ou proteínas de origem transgênica no produto final, 2) Todas as rações geneticamente modificadas.

Alimentos Transgênicos – Atualmente, os varejistas já têm que rotular alimentos que conttenham ou consistam em transgênicos. No entanto, as disposições de rotulagem não abrangem alguns alimentos ou ingredientes de alimentos. O efeito desta proposta é alargar os atuais requisitos de rotulagem para também abranger alimentos e ingredientes de alimentos produzidos a partir de transgênicos, tais como óleo de soja ou milho altamente refinado. A presença accidental de material transgênico em alimentos em quantidades de até 1% irá continuar isenta de obrigação de rotulagem.

Rações Transgênicas – A proposta também introduz, pela primeira vez, requisitos severos de rotulagem de rações transgênicas, seguindo o mesmo princípio que existe para os alimentos transgênicos. Atualmente, não existem requisitos de rotulagem para rações produzidas a partir de organismos geneticamente modificados. A proposta exige, por exemplo, a rotulagem de farelo de soja transgênica e qualquer ração de mistura que inclua na sua composição farelo de soja transgênica. Também exige a rotulagem de rações de glúten de milho produzidas a partir de milho transgênico. A presença accidental de material transgênico em rações em quantidades até 1% irá continuar isenta de obrigação de rotulagem.

Várias industriais brasileiras de moagem já estão investindo na certificação de modo a provar que as suas exportações de soja não contêm organismos geneticamente modificados.

De acordo com as empresas de certificação e de moagem, cerca de 4,5 milhões de toneladas de farelo de soja brasileiro – ou 45% do total de exportações – serão certificadas como não-transgênicas na campanha de comercialização de 2002-2003, sendo que cerca de 12% a 15% será certificada na campanha anterior.

Genetic ID/ CERT ID, 24/7/01, carta ao Greenpeace

Fontes de fornecimento volumosas para rações animais não-transgênicas, certificadas pela Cert ID

Com relação à sua recente questão, nossa subsidiária Cert ID já certificou um considerável volume de farelo de soja brasileiro como 'Não-Transgênico'. Atualmente um volume total de mais de 4 milhões de toneladas está praticamente disponível. É com imenso prazer que transmitiremos, sem quaisquer encargos, uma lista destes fornecedores de rações animais aos produtores de carne bovina e de aves. Além disso, podemos fornecer uma lista de empresas e importadores europeus de matérias-primas certificadas pela Cert ID para a Europa.

Gostaríamos de salientar que esta situação permite que a indústria varejista ofereça aos consumidores produtos reconhecidos nas lojas como 'Não-Transgênicos'. Certificamos regularmente, sem interrupção, a cadeia de produção desde a exploração agrícola no Brasil, percorrendo todo o caminho e incluindo os produtores de carne na Europa, pressupondo o consentimento das empresas envolvidas.

Neste processo, a Cert ID aplica os padrões da Cert ID ratificados no início de 1999 a pedido e em cooperação com a British Retail Consortium e algumas outras cadeias varejistas européias. Estes padrões exigem uma integração de auditorias, inspeções no local e testes para identificação de transgênicos da mais recente tecnologia utilizando PCR. Isto abrange não só os fornecedores, mas também toda a infra-estrutura, como portos, transporte, armazéns, etc.

Ficariamos gratificados em realizar apresentações e seminários junto a representantes de empresas ou de toda a indústria. De qualquer forma, gostaríamos de salientar o seguinte:

Pelo menos para a indústria européia de rações para animais, existem disponíveis quantidades suficientes de farelo de soja certificável (ou já certificado) como 'Não-Transgênico'. Qualquer afirmação em contrário é simplesmente incorreta!

Atenciosamente,

Jochen Koester
Vice-presidente Executivo - Genetic ID, Inc.

SGS instala laboratório para detecção de produtos transgênicos

A empresa suíça SGS está investindo US\$ 500.000 na instalação de um laboratório para detectar produtos transgênicos no Brasil. O Estado de São Paulo irá consumir 60% do total, os quais serão gastos em equipamento para o laboratório em Santos. O objetivo é corresponder às necessidades das empresas e dos exportadores da indústria de alimentos que precisem garantir que os seus produtos não contêm organismos geneticamente modificados. A controvérsia sobre a utilização de alimentos geneticamente modificados abriu este novo mercado às empresas de biotecnologia. A pioneira na detecção de organismos geneticamente modificados no Brasil tem sido a empresa dos EUA Genetic ID, sediada em Iowa. A empresa realiza suas atividades em todo o mundo e instalou-se no Brasil em 1999. (Gazeta Mercantil, Paulo Soares) GAZETA MERCANTIL ONLINE 5 de fevereiro de 2001, São Paulo, SP).

Para diversificar as suas opções, os compradores europeus de soja não-transgênica estão tomando algumas medidas que incluem a obtenção de soja junto a fontes alternativas de menor dimensão, como, por exemplo, a Índia; e o aumento do uso de proteínas originárias da Europa.

A Soybean Processors Association of India (SPOA) fornece soja não-transgênica à Europa: (extratos do relatório da visita)

Para promover a exportação de farelo de soja não-transgênica indiana e outros produtos derivados da soja, uma delegação comercial da SPOA liderada pelo antigo presidente da associação Davish Jain, que incluía alguns dos mais representativos industriais exportadores de soja, efetuou uma visita a alguns dos mais importantes países da UE, como Itália, Espanha, França, Alemanha e Reino Unido, entre 12 e 22 de maio de 2001. A delegação teve o apoio da SPOA, o mais prestigiado organismo das indústrias de soja na Índia e do Ministério do Comércio do governo indiano.

Durante a visita, foi divulgado que a Índia é um país totalmente isento de grãos de soja geneticamente modificados, sem importação nem produção local de grãos de soja geneticamente modificada, o que tornaria fácil a obtenção do CERTIFICADO DE RASTREABILIDADE. O governo indiano encontra-se em condições de certificar estes fatos.

[Após esta visita realizada no ano passado, a França já recebeu neste ano três navios com soja indiana.]

Programa Francês sobre Grãos de Soja não-transgênica

Uma parte cada vez maior da produção de grãos de soja francesa é cultivada segundo critérios rígidos para a produção de soja não-transgênica da marca “Soja de Pays”. Esta produção de soja não-transgênica aumentou de 55.000 MT em 1999 para 130.000 MT em 2000. Destas, 60.000 MT foram processadas para a produção de 10.000 MT de óleo e 41.000 MT de farelo, enquanto 70.000 MT foram descascadas e usadas em rações para animais. A “Soja de Pays” foi produzida por 5.400 produtores e distribuída por 76 cooperativas e comerciantes.

Para a colheita de 2000, espera-se o pagamento de um incentivo mínimo de 100 FF aos produtores de “Soja de Pays”, que se somará à ajuda básica concedida às sementes de soja. Em 2001, o aumento estimado da área de cultivo e da produção de “Soja de Pays” é o principal fator do crescimento da produção total de grãos de soja. Os padrões de produção da “Soja de Pays” baseiam-se na rastreabilidade do produto: identificação dos lotes de terreno onde os grãos de soja são cultivadas, seleção de sementes e monitoramento do cultivo, colheita e transporte para os armazéns, estoque, transporte para as moageiras e processamento. Os procedimentos de controle realizados por uma empresa independente validam os procedimentos dos vários intervenientes; os documentos emitidos em cada fase da produção são sujeitos a um controle; os controles analíticos são efetuados através de análises PCR; e “barreiras de conformidade” em várias etapas do processo garantem a rejeição dos produtos que não se enquadram nos padrões. [www.fas.usda.gov/gainfiles/200106/105680857.pdf]

HUNGRIA, relatório do USDA (Departamento da Agricultura dos Estados Unidos), 16 de abril de 2002.

“A produção comercial de culturas geneticamente modificadas (transgênicas) ainda não é permitida na Hungria e não é provável que estas culturas estejam comercialmente disponíveis antes de 2004/2005, na melhor das hipóteses... A Hungria pode tirar partido da sua imagem de não produzir transgênicos exportando os seus excedentes de cereais para a Europa ocidental. ...a rígida proibição de culturas transgênicas na Hungria pode funcionar como vantagem de marketing em certos mercados.”

Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683969

Fonte alternativa de proteínas não-transgênicas e estabilidade de custos

Farmers Guardian (RU) — 18 de janeiro de 2002.

O objetivo dos produtores de gado de produzirem as suas próprias proteínas vegetais rastreáveis sem transgênicos foi a base para o lançamento do cultivo de tremoços e para estabilizar os custos com proteínas vegetais produzidas internamente, em contraste com a oscilação de preços de compra de farelo de soja. A cultura do tremoço foi introduzida nas variedades de sementeira de Inverno e de Primavera, com vários sistemas de colheita já em prática com enfardamento e a bem sucedida colheita de grãos secos.

Exportadores dos Estados Unidos, Canadá e Argentina também deram início à implementação de sistemas de segregação para darem resposta ao crescimento da procura de culturas não-transgênicas por parte da Europa e da Ásia

Em agosto de 1999, a ADM, o segundo maior exportador de soja e milho dos Estados Unidos, que abarca até 30% das exportações americanas, começou a exigir que seus fornecedores separassem as culturas transgênicas das não-transgênicas. Outros exportadores especializaram-se em culturas não-transgênicas, tais como a Zen-Noh (o terceiro maior exportador dos Estados Unidos) e, de menores dimensões, a Consolidated Grain & Barge e a Clarkson Grain. Um estudo da colheita de 2000, realizado pela empresa de sementes Pioneer Hi-Bred International, concluiu que 25% dos armazéns de cereais (depósitos de silos de cereais) afirmaram que separariam o milho transgênico do não-transgênico, e pouco mais de 20% dos armazéns faria o mesmo com os grãos de soja. Além disso, 12% dos armazéns de cereais não aceitaria qualquer quantidade de soja transgênica e quase 20% não aceitaria milho transgênico – o que significa que estes armazéns se dedicavam a produtos não transgênicos .

No ano 2000 foram cultivados 1,5 milhões de acres de sementes de soja STS (tratadas com Synchrony) sob contrato com a DuPont Speciality Grains, representando 2% das plantações dos Estados Unidos . As sementes STS são desenvolvidas para tolerarem o herbicida Synchrony da DuPont, mas através da cultura seletiva e não da modificação genética. Nestes casos, a Consolidated Grain and Barge, a ADM e a Protein Technologies International (uma subsidiária da DuPont) assinaram contratos com produtores e armazéns de cereais, nos quais especificavam os métodos de produção exigidos (mantendo as quantidades de sementes, equipamento de limpeza, formação do pessoal, aplicando uma segregação clara ou sistemas IP, etc.).

O estudo Value Enhanced Grains, do Conselho dos Cereais dos Estados Unidos (publicado em julho de 2001), concluiu que, na colheita de 2000, 7% do rendimento de milho que passou pelos armazéns de cereais consultados era milho segregado não-transgênico.

Entretanto, as associações para a melhoria do estado das colheitas têm fornecido apoio e conselhos a seus agricultores sobre a implementação da segregação ou da preservação da identidade (IP), lideradas pelos estados de Illinois, Indiana e Minnesota. Surgem agora consultorias que trabalham com os agricultores, armazéns de cereais, processadores e exportadores – tais como IdentityPreserved.com, lançada em julho de 2001. Até a American Soybean Association (Associação Americana da Soja), a favor da biotecnologia, possui atualmente um programa anti-transgênicos.

De acordo com declarações e certificados fornecidos por algumas empresas européias, o Bunge Group tem fornecido sementes de soja não-transgênica da Argentina, certificadas pela SGS. Apesar dos baixos rendimentos recentemente registrados, o estabelecimento da segregação e das exportações de soja não-transgênica é um sinal importante do mercado por parte de um país onde 90% da soja cultivada é geneticamente modificada.

Estudo conclui que os armazéns de cereais dos Estados Unidos preferem a segregação de GMOs

Reuters, 20 de dezembro de 2001.

Mais da metade dos armazéns de cereais do centro-oeste dos EUA deram este ano preferência à segregação entre organismos geneticamente modificados (transgênicos) e cereais não-transgênicos e, segundo um estudo divulgado na 3ª feira passada, quase um quinto ofereceu incentivos para o cultivo de milho e sementes de soja não-transgênicos.

A American Corn Growers Association (ACGA), que efetuou o estudo, consultou 1.149 armazéns de cereais de 11 estados do Centro-Oeste dos EUA no outono de 2001 sobre as suas políticas em relação a organismos geneticamente modificados. Mais de 200 afirmaram que ofereciam incentivos entre 5 e 35 centavos de dólar para milho ou sementes de soja não-transgênicos. Quase 600 dos entrevistados afirmaram exigir a segregação do milho e das sementes de soja geneticamente modificados quando da entrega ou nas próprias explorações agrícolas.

Para mais informação sobre o estudo, consulte o website da ACGA em <http://www.acga.org>

Produtores de milho dos EUA afirmam que a oportunidade reside na resposta dada à procura por produtos não transgênicos

16 de outubro de 2001 > extraído de um comunicado à imprensa

WASHINGTON – Ao mesmo tempo em que, nesta semana, inspetores canadenses dão início à inspeção do milho americano que passa nas fronteiras para a detecção de contaminação transgênica StarLink e a Europa implementa o seu programa de rastreabilidade para culturas e produtos geneticamente modificados, os industriais e exportadores anunciam incentivos para o milho e as sementes de soja não-transgênicos, a American Corn Growers Association (ACGA) incita os agricultores a dar resposta à procura dos mercados estrangeiros. “As preferências dos compradores estrangeiros e dos consumidores que abastecem não podem ser ignoradas pelos agricultores dos Estados Unidos no momento da escolha das variedades a serem plantadas, a menos que estejam dispostos a alienar os importadores e a abdicar dos mercados importadores em favor dos países exportadores da concorrência” afirma Dan McGuire, diretor do programa Farmer Choice - Customer First da ACGA. “Em vez de lamentarem o fato de a União Européia passar a exigir a rastreabilidade, rotulagem e 1% de tolerância sobre os organismos geneticamente modificados, as associações americanas de agricultores e de matérias-primas deveriam encorajar e ajudar os agricultores a dar resposta às necessidades dos clientes estrangeiros.”

A multinacional Archer Daniels Midland, do ramo da indústria e exportação, anunciou recentemente que passaria a oferecer um incentivo de 20 centavos de dólar por bushel de cereais não-transgênicos entregues à sua fábrica Decatur, no estado de Illinois e, nas outras fábricas, incentivos entre 6 e 12 centavos de dólar por bushel de milho comprovadamente não-transgênico e de 10 centavos de dólar para sementes de soja não-transgênica.

Outros exportadores e empresas do ramo de cereais dos Estados Unidos também começaram a atribuir incentivos aos produtos não-transgênicos. “Alguns elementos da indústria dos EUA têm acreditado ingenuamente que a União Européia pode ser forçada a ceder à pressão exercida pelos Estados Unidos e vir a permitir que lhe digam que compre o que alguns nos Estados Unidos “insistem” que compre, mas está na hora de acordar dessa ilusão e colocar as exigências dos compradores de cereais bem acima dos interesses financeiros das empresas de biotecnologia, de sementes transgênicas e químicas”, acrescentou McGuire. Segundo a ACGA, a União Européia continua a importar cerca 2,5 milhões de toneladas métricas (MMT) de milho por ano da nossa concorrência e não dos Estados Unidos.

A U.E. tem diminuído gradualmente as suas compras de milho dos Estados Unidos, de cerca de 2,8 MMT em 1995/96 para o equivalente à carga de apenas um navio (6.300 MT) na campanha de comercialização de 2000/2001. No ano passado, o Japão reduziu as suas compras de milho dos EUA em mais de 50 milhões de bushels. A ACGA calcula que os Estados Unidos abdicaram de cerca de 350 milhões de bushels de exportação de milho para esses dois mercados desde 1997/98, o ano após o qual o milho transgênico foi introduzido nos Estados Unidos. Essa perda de vendas resulta em inventários finais de milho mais elevados nos EUA o que, por sua vez, origina preços mais baixos praticados pelos produtores de milho.

O Brasil e a China estão conquistando os mercados de milho dos EUA de modo agressivo. Os produtores argentinos anunciaram recentemente a implementação de planos para a preservação da identidade, de modo a garantir a integridade não-biotecnológica do milho duro, garantindo aos consumidores um produto alimentício sem utilização de biotecnologia. O milho duro da Argentina já conquistou a preferência dos compradores da União Européia. Os Estados Unidos não podem dar-se ao luxo de persistir na sua abordagem arrogante de que a U.E. tem que importar o que alguns americanos lhes dizem para comprar. Essa estratégia é absurda. “Se os EUA têm que expandir o seu sistema de marketing de preservação de identidade (IP), então não vale a pena fingir o contrário. A primeira realidade flagrante é que os compradores europeus, assim como outros mercados importadores, já começaram a atribuir incentivos a produtos não-transgênicos dos EUA.”

Um representante de uma grande empresa de cereais afirmou recentemente que “não podemos dar-nos ao luxo de não absorver os custos da IP.” Enquanto os importadores da Europa, do Japão e de outros países já começaram a pagar incentivos por produtos não-transgênicos de alta qualidade, a realidade é que as empresas biotecnológicas também deveriam contribuir para a absorção dos custos. A atual política agrícola dos Estados Unidos garante preços de mercado muito baixos aos compradores de cereais que adquirem milho dos agricultores no primeiro ponto de entrega. As empresas biotecnológicas causaram problemas ao marketing de organismos geneticamente modificados,” concluiu McGuire.

AFMC afirma que a Coréia do Sul compra 25 000 toneladas de soja não transgênica aos Estados Unidos

Seul, 4 de setembro de 2001 (Reuters) – O organismo estatal da Coréia do Sul Agricultural and Fishery Marketing Corporation (AFMC) comprou 25.000 toneladas de soja americana nº 1 não geneticamente modificada (não-transgênica) dos Estados Unidos, segundo afirmou um representante da AFMC na 3ª feira passada. O mesmo representante afirmou ainda que, apesar disso, a AFMC rejeitou outra proposta de compra de 20.000 toneladas de soja comestível não-transgênica devido aos preços elevados, enquanto a Toepfer tinha oferecido preço mais baixo pela proposta.

Os pormenores da compra são os seguintes:

TON.	PREÇO(C&F/T)	TRANSPORTE	CHEGADA/PORTO
25 000	US\$ 230,88	22 Out.-10 Nov. (Golfo EUA) 6-25 Nov. (Noroeste do Pacífico)	15 Dez./Inchon

Os pormenores das propostas rejeitadas são os seguintes:

TON.	MAIS BAIXO(C&F/T)	TRANSPORTE	CHEGADA/PORTO
20 000	US\$ 244,22	17 Out.-5 Nov. 5 (Golfo EUA) 1-20 Nov. (Noroeste do Pacífico)	10 Dez./Inchon

(Cho Mee-young, Seoul Newsroom, +82 2 3704 5651, fax +82 2 720 5777, meeyoung.cho@reuters.com)

Notícias vindas dos Estados Unidos, Argentina e Canadá, que representam virtualmente toda a área de cultivo de soja, milho e canola transgênica do mundo, confirmam os piores receios dos agricultores (e dos ambientalistas)

Após apenas 5 anos de cultivo de produtos transgênicos em grande escala, os problemas ambientais anunciados, tais como a resistência das ervas-daninhas ao Roundup nos EUA e a resistência da canola a herbicidas triplos no Canadá, que os agricultores acabam por eliminar recorrendo a um cocktail de químicos tóxicos, já são uma realidade. As falsas promessas de aumento do rendimento das culturas transgênicas também já foram desmascaradas pela freqüente redução do rendimento das culturas de soja transgênica.

“Super ervas-daninhas” resistentes a herbicidas triplos

A contaminação genética maciça e incontrolável é não apenas provável mas uma realidade no Canadá, onde as denominadas “super ervas-daninhas” tolerantes a três herbicidas diferentes têm se tornado comuns, tal como foi confirmado por um estudo recente realizado pela English Nature. O problema surge quando uma variedade de colza transgênica poliniza outra, originando “acumulação de genes” e tolerância múltipla. Quando as sementes são inadvertidamente misturadas no momento da colheita, elas ficam no solo e germinam mais tarde sob a forma de ervas-daninhas indesejáveis nas culturas de várias espécies. Estas super-ervas-daninhas multi-tolerantes foram identificadas pela primeira vez em 1998, apenas 3 anos após o início do cultivo de colza tolerante ao herbicida no Canadá. Um estudo encontrou provas de acumulação de genes em todos os 11 locais estudados em 1999, com a ocorrência do fluxo de genes em distâncias de até 800 metros. Em 2000, colza não-transgênica importada do Canadá pela União Europeia foi contaminada por colza transgênica cultivada a mais de 4 km de distância.

[“Gene stacking in herbicide tolerant oilseed rape: lessons from the north american experience”, English Nature, fevereiro de 2002, www.english-nature.org.uk/news/story.asp?ID=335

Beckie, H.J., Hall, L.M. & Warwick, S.I. (2001): Impact of herbicide-resistant crops as weeds in Canada, proceedings Brighton Crop Protection Council – Weeds pp 135-142.]

Advertisement in US farming press for DuPont Classic herbicide...

Roundup and Classic; like BACON AND EGGS

Weeds are latest breakthrough in RR soybeans

The breakthrough technology of Roundup Ready soybeans is now seeing another breakthrough: weeds.

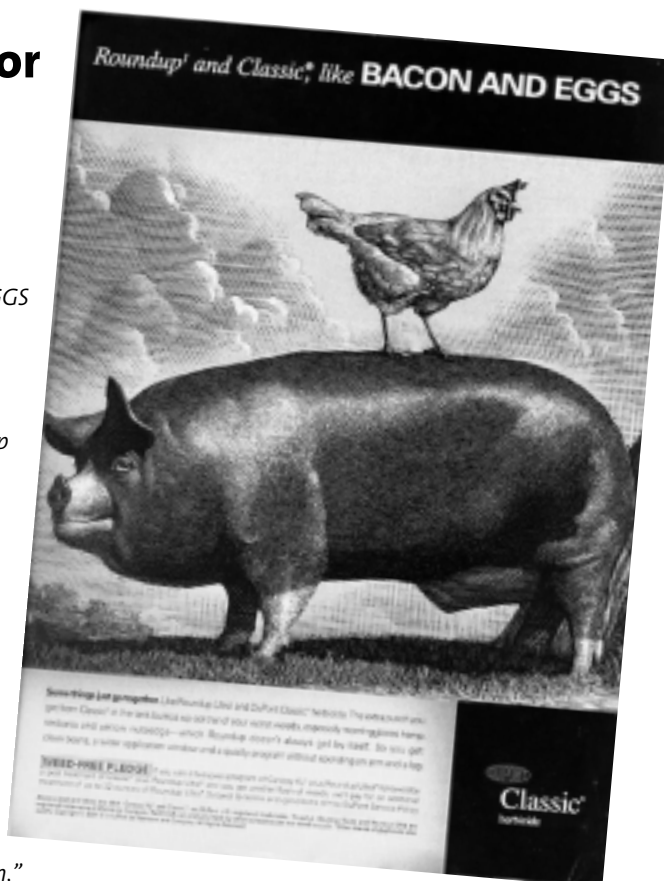
"In the last several years, weed scientists, dealers and growers across the South are reporting more problems with breakthrough weeds in Roundup Ready fields, particularly in a glyphosate-only program," explains Marsha Martin, DuPont Field Technology Representative.

"Roundup Ready is good technology, but there are times when it needs a boost with weeds that break through a solo treatment of Roundup or Touchdown," Martin says. "Weeds to watch for include morningglories, hemp sesbania and yellow nutsedge. A Roundup Ultra- or Touchdown- only program won't control these weeds."

Growers still can go total post and count on more reliable control of these breakthrough weeds by adding DuPont Classic, herbicide as a tank-mix partner. The performance of Classic, is backed by the DuPont Weed-free Pledge (see your local ag retailer for details).

"The extra punch from Classic, in the tank boosts the control of morningglories, hemp sesbania, yellow nutsedge and other weeds that Roundup and Touchdown need help with," Martin says. "The last several years, sunflower, common cocklebar and giant ragweed also have been prevalent. Classic, controls these weeds, too.

"A Classic, and Roundup tank mix is an inexpensive way to help assure consistent results – results that are backed by the DuPont Weed-Free Pledge. And cleaner fields mean greater yield potential at harvest."



Redução de 5% a 10% no rendimento das culturas de sementes de soja resistentes ao Glifosate

Publicado no Journal of Agronomy 93:408-412 (2001)

AGRICULTURA DE MERCADO

Glyphosate-Resistant Soybean Cultivar Yields Compared with Sister Lines

Roger W. Elmore,* et al março/abril 2001

CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES

Efetuamos uma experiência de campo em quatro locais do estado do Nebraska durante 2 anos para avaliar o efeito GR (Resistência ao Glifosate) no rendimento das culturas de sementes de soja. Cinco pares de linhas irmãs de sementes de soja GR e não-GR derivados de retrocruzamento foram comparados com três cultivares de alto rendimento não resistentes a herbicidas e com 5 outros cultivares resistentes a herbicidas.

“Os rendimentos das culturas diminuíram com cultivares de sementes de soja GR. O trabalho aqui apresentado demonstra que uma redução de 5% ocorreu devido a diferenciais genéticos dos cultivares.

Os produtores deveriam considerar potenciais diferenciais de rendimento das culturas de 5 a 10% entre cultivares GR e não-GR, na medida em que avaliam o rendimento geral da produção de sementes de soja.

Com base nos resultados deste estudo e do estudo de Elmore et al., 2001, a redução do rendimento das culturas surge associada ao gene GR ou ao processo da sua inserção e não ao próprio glifosate.”
Publicado no Agron. J. 93:408-412 (2001)

Estudo mostra que soja transgênica usa mais agrotóxicos

Monsanto “...entre enganosa e desonesta”

Amsterdã/Londres, 4 de Maio de 2001 – Um dos principais argumentos da indústria da Engenharia Genética de que as suas culturas de soja precisam de menos herbicidas do que as variedades convencionais, foi desmentida por um novo relatório independente, segundo divulgou hoje a Greenpeace. Dados até agora não divulgados do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA) prova que a assim chamada soja Roundup Ready (RR), produzida pela Monsanto, usa em média 11,4% mais herbicida do que a soja convencional, podendo chegar até 30%.⁽¹⁾

Além disso, o relatório da autoria do Dr. Charles Benbrook, do US Northwest Science and Environmental Policy Center, acusa a Monsanto de manipular dados comparativos sobre o uso de herbicidas na sua soja Roundup Ready e nas sojas convencionais, “de maneiras que oscilam entre enganosas e desonestas”. A Monsanto baseia as suas reivindicações de redução de herbicidas numa comparação entre “variedades tradicionais de sementes de soja” e culturas RR, sem explicar que estas variedades tradicionais consistiam em um número selecionado de tipos da “velha geração”, que exigem herbicidas de alta taxa de dosagem.

“Mais uma vez a Monsanto viu desmascaradas as suas meias-verdades sobre os seus produtos. Mas as provas são claras: longe de melhorarem o estado do ambiente pelo uso de menos herbicidas, como reivindica a indústria da Engenharia Genética, as culturas transgênicas causam ainda mais poluição,” afirma Geert Ritsema, da Campanha de Engenharia Genética da Greenpeace.

O relatório também chama a atenção para o desenvolvimento de resistência ao ingrediente ativo (glifosate), que supostamente torna a soja transgênica resistente à ervas-daninhas. Como consequência, os agricultores têm que recorrer a mais herbicidas para aumentar o efeito que se revela insuficiente. O produto não só falhou como acarreta custos ambientais adicionais. O Dr. Benbrook calcula que o cultivo generalizado de soja transgênica possa levar os agricultores a pulverizar cerca de 40 milhões de pounds de herbicida na próxima safra.

O relatório também afirma que as evidências de estudos de universidades sugerem que a soja transgênica da Monsanto rende menos 5-10% do que as variedades convencionais de soja semelhantes.

“Este estudo confirma que a engenharia genética aplicada aos produtos agrícolas implica no aumento de produtos químicos no ambiente. Produtos como a soja transgênica Roundup Ready deram origem à estagnação do desenvolvimento de práticas agrícolas saudáveis do ponto de vista ambiental e forçou os agricultores a continuarem a usar sistemas dependentes de herbicidas. As colheitas transgênicas também contaminam as variedades convencionais, restringindo a liberdade de escolha de agricultores e consumidores de optar por produtos não-transgênicos,” acrescentou Ritsema. Mais informação em www.greenpeace.org

Os dados do USDA foram publicados no relatório pelo Dr. Charles Benbrook, o Northwest Science and Environmental Policy Center denominado “Troubled Times Amid Commercial Success for Roundup Ready Soybeans”, disponível em www.biotech-info.net/troubledtimes.html

Em 1998, em 16 estados produtores de soja dos Estados Unidos, uma quantidade total média de cerca de 2,44 quilos de herbicidas por acre foram aplicados em na soja transgênica Roundup Ready, ao passo que uma média de cerca de 2,16 quilos de herbicida foram aplicados nas variedades convencionais de soja, o que representa menos 11,4% do que na soja RR. Em seis estados, incluindo o Iowa onde é cultivado cerca de um sexto de soja do país, o uso total de herbicidas na soja Roundup Ready foi pelo menos 30% mais elevado, em média, em comparação com as variedades convencionais. O uso de herbicida em soja RR foi um pouco mais baixo em cinco estados.

Nota de rodapé importante: O fato de que um herbicida de baixa dosagem possa ser mais tóxico do que um de alta dosagem não deve ser menosprezado. O relatório de Benbrook não aborda a questão da toxicidade. Apenas desmistifica o debate sobre as quantidades de herbicida aplicadas a sementes de soja convencional e geneticamente modificada.

GREENPEACE

RIO DE JANEIRO – De acordo com esta reportagem, a produtividade de soja no Brasil ultrapassou este ano a produtividade do grão nos Estados Unidos, graças aos avanços tecnológicos na agricultura, alcançados sem o uso de culturas geneticamente modificadas. Na reportagem, afirma-se que nas últimas três décadas o Brasil conseguiu não só cultivar soja com êxito num clima tropical, como também conseguiu atingir um alto nível de produtividade, transformando-se no segundo maior produtor mundial, sem ter que recorrer a sementes geneticamente modificadas, amplamente usadas pelos seus dois maiores concorrentes, a Argentina e os Estados Unidos. A produtividade do Brasil este ano rondou os 2708 kg por hectare, comparada com os 2594 kg por hectare nos Estados Unidos, segundo os cálculos do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos.

Comunicado de imprensa do Greenpeace

ESTUDO MOSTRA QUE SOJA TRANSGÊNICA É MENOS PRODUTIVA

Relatório aponta queda de produção média e mais uso de agrotóxicos

São Paulo, 11 de abril de 2002 – Estudo realizado em Palmeiras das Missões (RS), em março deste ano, por pesquisadores de Universidades Brasileiras, Prof. Rubens Onofre Nodari e Prof. Deonísio Destro, constatou que a soja transgênica é menos produtiva do que a soja convencional, além de usar mais agrotóxico que os cultivos convencionais(1).

O relatório mostra uma queda de produção de até 540 kg por hectare na lavoura transgênica. A produtividade da soja modificada foi de 1.020 kga 1.6 kg por hectare. A da lavoura tradicional oscilou entre 1.680 kg e 1.8 mil kg.

O estudo também mostrou o aparecimento de rachaduras no caule da soja transgênica exposta ao calor ou às aplicações de agrotóxicos com trator devido ao seu maior teor de lignina no caule; o ataque inusitado de insetos, como o “burrinho”, que até então só atacava a batatinha; e a falta de imunidade da soja às pragas e ervas daninhas, obrigando os agricultores a usar duas ou três vezes mais herbicida, pois as pragas ficaram mais resistentes.

Os pesquisadores também alertam para a necessidade de fazer estudos avaliando os outros impactos ambientais e sócio-econômicos do cultivo contínuo da soja RR.

Os pesquisadores apontam a necessidade de buscar alternativas aos transgênicos visando dar sustentabilidade às pequenas propriedades como, por exemplo, a agricultura ecológica. Soja e outros grãos produzidos de forma orgânica podem contribuir para a melhoria da saúde do meio ambiente e humana, além de possibilitar retorno econômico aos agricultores.

O plantio e a comercialização de transgênicos é ilegal no país por sentença judicial, que determina que várias medidas sejam tomadas enquanto as exigências do Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) não forem satisfeitas (2).

NOTAS

(1) Relatório sobre a situação de lavouras de soja da região de Palmeiras das Missões, RS, Safra 2001/2002, cultivadas com cultivares convencionais e com cultivares transgênicas foi encomendado aos pesquisadores pelo “Movimento dos Pequenos Agricultores” e pode ser encontrado no site www.portoweb.com.br/mstrs

(2) A exigência de estudo de impacto ambiental (EIA/RIMA) é garantida pela Constituição Federal e pelas resoluções do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), além de uma sentença judicial em vigor. As Resoluções 001/86 e 237/97 do Conama também exigem o Estudo de Impacto Ambiental para atividades potencialmente prejudiciais ao meio ambiente, incluindo a introdução de transgênicos.

GREENPEACE

Política da União Nacional de Agricultores do Canada (NFU) sobre Alimentos Geneticamente Modificados (Extratos)

A NFU defende que todos os canadenses – agricultores ou não – devem envolver-se num debate fundamentado sobre a modificação genética em alimentos. Os cidadãos devem examinar os alimentos geneticamente modificados num contexto o mais amplo possível, sob as vertentes social, histórica, ambiental, econômica e ética. Após esse debate, os cidadãos – e não as corporações que promovem estes produtos, devem decidir aceitar ou rejeitar os alimentos transgênicos.

Limitados pela diminuição dos rendimentos, os agricultores viram-se para as novas tecnologias que prometem lucros mais elevados ou redução de custos. No entanto, e nas últimas décadas, os agricultores renderam-se a uma vasta gama de tecnologias mas os seus rendimentos líquidos continuaram a diminuir. Entre 1974 e 2000, o rendimento bruto das atividades agrícolas triplicou. No entanto, o seu rendimento líquido diminuiu. Os fornecedores de produção conseguiram captar a totalidade do aumento do rendimento bruto dos agricultores. Uma vez que os fertilizantes, os produtos químicos e outras tecnologias não cumpriram a promessa de aumentar os lucros das atividades agrícolas, muitos agricultores passaram a questionar os benefícios da modificação genética de culturas e gado.

Enquanto os benefícios são questionáveis, os riscos e os custos são reais. Os consumidores estão rejeitando os alimentos transgênicos. Os mercados da Europa e do Japão, entre outros, estão fechando seus mercados internos frente a essa ameaça. Tudo isto está provocando uma diminuição de preços. O encerramento de mercados e a diminuição de preços ameaçam sobrepor-se a qualquer pequeno benefício econômico de curto prazo, que as culturas transgênicas possam oferecer. Além disso, a proliferação de algumas culturas transgênicas já retirou muitos agricultores de produtos orgânicos da opção de cultivarem esse tipo de produção.

As sementes transgênicas e o gado proporcionam às corporações um maior controlo sobre a agricultura familiar. Qualquer benefício econômico inicial será rapidamente minimizado, à medida em que os agricultores se deixam controlar pelas corporações. Mais do que qualquer tecnologia anterior – tais como fertilizantes ou tratores – as sementes patenteadas vendidas por contrato e os volumosos acordos de utilização de tecnologias contribuem claramente para a diminuição da autonomia dos agricultores.

Quanto a saúde humana, não há pesquisa científica sistemática sobre os efeitos dos alimentos transgênicos na saúde. A premissa não-científica da “equivalência substancial” não é razão suficiente para renunciar a testes de saúde abrangentes e independentes.

Também existem muitas questões sem resposta sobre os riscos ambientais das culturas transgênicas e do gado. A modificação genética ameaça desequilibrar a biosfera, criar “super-ervas-daninhas”, pôr em perigo os insetos úteis e ameaçar a biodiversidade. A biodiversidade é uma fonte vital de matérias-primas para a agricultura e um componente essencial do bem-estar ambiental.

A política da NFU sobre alimentos transgênicos reconhece que quase todas as questões em torno destas tecnologias continuam sem resposta. Esta política tenta introduzir precaução e prudência num processo de proliferação de alimentos transgênicos impulsionado pelo lucro. Uma vez que esta tecnologia é potencialmente ameaçadora para o meio ambiente, para a saúde humana e para o bem-estar econômico dos agricultores, os canadenses devem debater e estudar a questão antes de plantar e comer.

Política geral e plano de ação

1. O governo federal deve impor uma moratória à produção, importação, distribuição e venda de alimentos transgênicos até que sejam encontradas respostas satisfatórias para a maioria dos canadenses às questões relacionadas com a aprovação dos consumidores, saúde humana, implicações ambientais, propriedade da tecnologia e rentabilidade dos agricultores.

Darrin Qualman – Secretário de direção da União Nacional dos Agricultores

“Perdoem-me por não lamentar o aumento das despesas de empresas como a Monsanto.”

Cory Ollikka, presidente da NFU – 4 de Dez. de 2000 - Saskatoon Star Phoenix

Pesquisa de opinião sobre alimentos transgênicos nos EUA

Food Policy Institute, Universidade Rutgers. Em 15 de novembro de 2001, o Food Policy Institute da Universidade Rutgers divulgou os resultados da sua mais recente pesquisa de opinião sobre as culturas geneticamente modificadas. Esta pesquisa permitiu concluir que 90% dos americanos afirmam que os alimentos produzidos através da engenharia genética deveriam ter rótulos especiais.

ABC News.com. Em Junho de 2001, a ABC News.com concluiu que 93% das pessoas queriam que os alimentos transgênicos fossem rotulados. A ABC considerou que os resultados mostravam que os americanos eram “a favor da rotulagem obrigatória dos alimentos geneticamente modificados quase por unanimidade.”

PBS/Frontline. Uma pesquisa levada a cabo em Abril de 2001 com mais de 21 000 entrevistados concluiu que 65% afirmaram que os EUA não deveriam plantar organismos geneticamente modificados (GM).

Pew Initiative on Food and Biotechnology Uma pesquisa realizada em Março de 2001 concluiu que 75% dos americanos acreditam que é importante saber se os alimentos incluem ingredientes geneticamente modificados . 58% declaram-se contra a introdução de alimentos transgênicos, enquanto a porcentagem dos que acreditam que os alimentos transgênicos não são seguros ou desconfiam da segurança dos alimentos transgênicos atinge 71% dos entrevistados.

Food and Drug Administration (FDA) Na Primavera de 2000, a FDA liderou uma série de grupos pedindo aos americanos suas opiniões sobre alimentos transgênicos. O relatório do grupo (divulgado à imprensa por um grupo observador em Fevereiro de 2001), afirmava que “Praticamente todos os participantes disseram que os alimentos sujeitos a engenharia genética deveriam ser rotulados como tal... A reação típica dos participantes foi... de indignação contra o fato de que tal modificação nos alimentos pudesse acontecer sem que eles estivessem informados a esse respeito.”

Trader Joe's

O mais importante varejista dos EUA, o Trader Joe's, juntou-se recentemente às cadeias varejistas de produtos saudáveis, a Whole Foods (www.wholefoodsmarket.com) e à Wild Oats (www.wildoats.com) na sua decisão de rejeitar produtos transgênicos.

(www.traderjoes.com)

Monrovia, Canadá, 13 de novembro de 2001 - Ao longo de vários meses, nós na Trader Joe's temos falado com os nossos clientes, revendo os métodos de produção de alimentos com nossos vendedores e estudando assuntos relacionados a alimentos geneticamente modificados. Enquanto há uma enorme discussão sobre este assunto entre clientes e o público em geral, é claro para nós que, se for dada a oportunidade, a maioria dos nossos clientes preferiria ter produtos elaborados sem ingredientes geneticamente modificados.

Por este motivo, anunciamos hoje uma modificação na nossa abordagem dos produtos no rótulo da Trader Joe's (produtos de rótulo privado). A partir deste momento, trabalharemos com qualquer novo vendedor para criar produtos de rótulo da Trader Joe's sem ingredientes geneticamente modificados.

Desenvolveremos um programa de testes ao acaso para verificar as notificações e desempenho em curso dos nossos vendedores. Contudo, não há nenhum sistema, nos Estados Unidos, que proteja por completo contra uma “eventual contaminação” genética entre colheitas transgênicas e não transgênicas. Portanto, não é possível para nenhum fornecedor ou comerciante oferecer de forma realista quaisquer garantias de que o seu produto é livre de ingredientes geneticamente modificados.

Atualmente, não são reconhecidos padrões do governo dos Estados Unidos relativamente à rotulagem de alimentos geneticamente modificados. Incentivamos nossos clientes a escreverem aos seus representantes no congresso, ao Órgão de Saúde (FDA) e ao Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para que eles saibam a sua opinião sobre a utilização de alimentos transgênicos na cadeia alimentar e a falta de normas de rotulagem para tais produtos. Somente desenvolvendo um padrão nacional relacionado a esta questão é que os comerciantes de comida e fornecedores poderão providenciar aos clientes produtos e informação que lhes permitam exercer seu direito de escolha quando comprarem alimentos para suas famílias.

O Direito Internacional começa a adequar-se às culturas transgênicas e a rotulagem de alimentos transgênicos está se tornando prática padronizada em todo o mundo

Protocolo de Cartagena das Nações Unidas sobre Biossegurança

O Protocolo de Cartagena das Nações Unidas sobre Biossegurança foi adotado pela Conferência extraordinária das Partes para a Convenção sobre a Biodiversidade do Rio (CBD), realizada em Montreal em 29 de janeiro de 2000. O seu objetivo é estabelecer as regras básicas de transporte e utilização internacional de OGMs.

É necessário que 50 países ratifiquem o Protocolo para que este seja juridicamente vinculativo. Na reunião ICCP3 – Protocolo de Biossegurança, que ocorreu em Haia (Países Baixos) em abril de 2002, um estudo realizado pelo secretariado e anunciado na plenária final, explicava que 17 países já haviam ratificado o Protocolo mas que ainda não tinham enviado uma nota essencial ao secretariado, e que cerca de 44 outros países têm a intenção de ratificar o documento antes do final do ano.

O Protocolo identifica a libertação de OGMs como um risco significativo para o meio ambiente, para a saúde humana e para a biodiversidade. Declara que a exportação de OGMs exige um acordo de consentimento prévio (AIA, em inglês) do país que vai importar e que qualquer nação tem o direito de recusar tais importações invocando o princípio da precaução.

Entretanto, mais de 35 países têm leis em vigor ou anunciadas, que obrigam à rotulagem dos alimentos que contêm ingredientes transgênicos ou que restringem a importação de alguns transgênicos. Estes países juntos abrangem mais de metade da população mundial.

JAPÃO: Relatório do USDA, 16 de abril de 2002

“Desde 1º de abril de 2002 o Governo do Japão implementou a rotulagem obrigatória de alimentos derivados de transgênicos para alimentos selecionados. Como reação a esta política, muitos fabricantes de produtos alimentícios deixaram de usar grãos de soja transgênica importada dos EUA, o que fizeram no ano de 2000, e passaram a importar estes grãos de soja não-transgênica de outros países, como o Canadá e o Brasil, que se auto-promoveram como exportadores deste produto”. “Para dar atender a demanda crescente do Japão de alimentos com soja não transgênica, o Brasil e o Canadá aumentaram rapidamente as suas exportações de soja nos anos de 1999 e 2000. No entanto, os importadores e a indústria japoneses recuperaram a confiança que depositavam no fornecimento de soja não-transgênica dos EUA, através de um sistema de identidade preservada (IP) bem elaborado. No de 2001, a quota de mercado dos Estados Unidos se recuperou parcialmente em 1% e espera-se que continue a se recuperar em 2002.”

“Está previsto que as importações japonesas em 2002/2003 de grãos soja dos Estados Unidos se mantenham estáveis devido à confiança dos consumidores japoneses de alimentos de soja com identidade preservada de soja não-transgênica por toda a rede de distribuição vinda dos Estados Unidos.” “Num esforço para alcançar uma vantagem de mercado, os industriais japoneses do ramo de alimentação anunciaram as suas intenções de aumentar a utilização de produtos não-transgênicos. Como resultado, todos os produtos de consumo comercializados sujeitos às normas de rotulagem são feitos agora a partir de soja não transgênica e estão rotulados como “não-biotecnológicos”. Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683979

REPÚBLICA DA CORÉIA, relatório do USDA, 4 de abril de 2002.

“Padrões coreanos de rotulagem de produtos não-transgênicos continuam a prejudicar as vendas de milho dos EUA. Preços e milho Starlink fazem com que os fornecedores não considerem os industriais coreanos do milho como produtores de milho não-transgênico. O Brasil e a China se beneficiaram substancialmente deste mal-entendido. Ao passo que o problema da biotecnologia, incluindo o Starlink e a rotulagem, afetou a venda do milho norte-americano neste mercado. Os preços de produtos concorrentes tiveram um efeito semelhante nas decisões de compra dos industriais coreanos do milho. Independentemente disso, os Estados Unidos têm sofrido nos últimos anos uma redução substancial nas suas quotas de mercado. Calcula-se que as exportações de milho dos Estados Unidos sofram uma redução de 1,5 – 2 MMT, o que representa 17-22% do total previsto das importações de milho.

A rotulagem de matérias-primas geneticamente modificadas é obrigatória na Coréia. Em março de 2001, a Coréia adotou requisitos obrigatórios de rotulagem de produtos transgênicos como o milho, soja e os rebentos de soja não processados. Em julho de 2001 estes requisitos obrigatórios passaram a abranger 27 produtos/categorias de alimentos preparados que contêm milho, soja ou rebentos de soja como um dos cinco ingredientes principais.”
Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683865

Em 5 de Março foi acrescentada uma revisão no sentido de exigir que a publicidade em jornais, revistas, anúncios de televisão ou por cabo também indique a presença de ingredientes transgênicos em produtos alimentícios. Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683694

Treze países candidatam-se à adesão à União Européia:

Na primeira vaga encontram-se – Chipre, Estônia, Hungria, Polônia, República Tcheca e Eslovênia. Na segunda vaga encontram-se – Bulgária, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia, Malta e Turquia. Os 13 países candidatos à adesão à União Européia serão abrangidos pela legislação da U.E. sobre transgênicos. Já existem indicadores de que a rejeição de OGMs nestes países se conciliará com a rejeição de OGMs na Europa.

CROÁCIA

Em Setembro de 2001, a Croácia elaborou um projeto de lei no sentido de proibir a importação, comercialização, utilização e produção de OGMs e produtos geneticamente modificados. Relatório do USDA, de 21 de março de 2002 – “A indústria croata de soja possui excesso de capacidade e está motivada para o processamento de importações. O Brasil fornece a maior parte da soja importada e os comerciantes brasileiros usam regularmente os certificados “isento de OGM” para conquistarem uma vantagem de marketing sobre os grãos de origem americana. A área de cultivo interna de soja aumentará cerca de 20% em 2002, para 50 000 hectares (ha).” Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683733

HUNGRIA

HUNGRIA, relatório do USDA, 3 de maio de 2002, “A indústria gostaria de produtos de soja sem transgênicos mas não parece disposta a pagar preços mais elevados pelos grãos de soja sem transgênicos. De qualquer modo, o teste de carregamentos e a certificação é (até agora) esporádica e pouco criteriosa. Os principais países fornecedores são o Brasil, os Países Baixos e a Iugoslávia.” Os números apresentados no relatório mostram que o Brasil exportou 531 484 toneladas de farelo de soja para a Hungria em 2000. O número para as exportações de soja dos EUA no ano 2000 surge como “n.a.” = não aplicável! Leia o relatório completo: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=145683352

Austrália e Nova Zelândia

Austrália e Nova Zelândia adotaram um regime de rotulagem obrigatória para todos os alimentos geneticamente modificados que contêm DNA estranho e/ou proteína estranha ou que possuem características alteradas. É permitida a presença acidental de alimentos transgênicos de até 1% por ingrediente. O regime entrou em vigor em sete de dezembro de 2001. Leia o relatório completo em www.anzfa.govt.nz/gmo/

Rotulagem de transgênicos assusta fabricantes australianos de produtos alimentícios

Sydney Morning Herald, 15 de novembro de 2001, 5ª-feira, por Mark Metherell (extratos).

Os fabricantes de produtos alimentícios estão rejeitando os ingredientes geneticamente modificados dos seus produtos para não terem que rotulá-los como transgênicos a partir do próximo mês. As grandes empresas cederam à resistência dos consumidores e procuraram fontes não transgênicas para os ingredientes utilizados na fabricação de produtos.

Apesar das estimativas anteriores da indústria de que 40 a 60% dos alimentos preparados incluíam ingredientes transgênicos, a maior cadeia de supermercados, a Woolworths, espera agora que apenas “uma mão cheia” dos seus produtos de sua marca venha a necessitar de rótulos indicando a presença de transgênicos. A Australia New Zealand Food Authority afirma que há no mercado alguns produtos que contêm ingredientes de culturas transgênicas aprovadas. Estes incluem alimentos com óleo de algodão, canola, soja, beterraba e batata transgênica. Todos os alimentos embalados com ingredientes transgênicos fabricados após sete de dezembro terão que discriminar os seus ingredientes transgênicos, com exceção dos óleos e açúcares altamente refinados e aromas.

O maior conglomerado de produtos alimentícios da Austrália, a Goodman Fielder, afirma que mudou seus fornecedores de alguns ingredientes - mas não de muitos - para cumprir as novas regras. Segundo o diretor de assuntos gerais da Goodman Fielder, Robert Hadler, nenhuma das suas marcas seria obrigada a exibir um rótulo indicando a presença de ingredientes transgênicos. A empresa verificou milhares de fontes em todo o mundo para garantir que elas não eram transgênicas. Hadler afirmou ainda que “o cliente tem sempre razão e o cliente está preocupado com os efeitos dos ingredientes transgênicos. Os maiores varejistas não querem produtos que contenham ingredientes transgênicos.”

A estimativa de 40-60% de alimentos transgênicos era a antecipação do pior cenário possível antes de os ministros da Austrália e Ásia do setor alimentar terem concordado com o regime de rotulagem em julho do ano passado. A decisão foi tomada depois de uma pesquisa do jornal Herald ter mostrado que 93% dos australianos serem a favor da rotulagem de transgênicos. O gerente técnico da Sanitarium, Dr. Greg Gambrell, afirmou que a sua empresa tinha efetuado um “enorme trabalho” no sentido de encontrar fontes não transgênicas para ingredientes como grãos de soja.

Tegel pára de utilizar transgênicos

28 de agosto

A Tegel, maior empresa de aves da Nova Zelândia, anunciou que seus frangos serão, em breve, alimentados com rações provenientes de culturas não-transgênicas.

Tal como acontece com outros grandes produtores de frango da Nova Zelândia, as rações da Tegel eram, até agora, constituídas por rações de soja que continham uma porção de grãos de soja geneticamente modificados. Recentemente, a empresa chegou num acordo com um fornecedor de rações norte-americano, que garante o fornecimento contínuo de rações de soja provenientes de culturas não transgênicas.

Os frangos da Tegel nunca foram geneticamente modificados e este acordo significa que todos os frangos da Tegel serão brevemente alimentados com rações baseadas inteiramente em culturas não transgênicas. Peter Lucas, director administrativo da Tegel, afirmou que esta decisão vai de encontro às preocupações dos consumidores em relação aos OGMs (organismos geneticamente modificados) e segue a política da Heinz a nível mundial. “Os consumidores na Nova Zelândia transmitiram-nos os seus receios e nós conseguimos responder às suas preocupações de uma forma prática. A pesquisa feita por nós junto aos consumidores demonstrou que cerca de 60% deles estão preocupados com o fato de os frangos da Nova Zelândia serem alimentados com rações baseadas em culturas geneticamente modificadas e que mais de 75% prefeririam que os seus frangos não fossem alimentados com rações geneticamente modificadas.”

Peter Lucas afirma que esta decisão já estava sendo estudada há bastante tempo. “Até agora, não nos tinha sido possível encontrar um fornecedor confiável de soja proveniente de culturas livres de transgênicos. Levou algum tempo até conseguirmos encontrar um fornecedor confiável e garantir um abastecimento contínuo do produto, que satisfizesse as nossas necessidades”.

“Existem sempre preocupações em relação a fornecedores com quem nunca tenhamos trabalhado antes e estamos, por isso, trabalhando com o nosso fornecedor norte-americano no sentido de estabelecer um sistema que garanta o fornecimento de rações de culturas de soja não transgênicas. A nossa prioridade é a de manter um fornecimento de rações contínuo e consistente, que garanta a máxima qualidade.”

Peter Lucas afirmou ainda que não existem problemas conhecidos com a carne de frango. “Apesar de sabermos que a soja geneticamente modificada não tem qualquer efeito na carne de frango, os nossos consumidores expressaram as suas preocupações, incluindo os possíveis efeitos ambientais das culturas geneticamente modificadas em larga escala e nós respondemos em consonância.”

A resposta a esta atitude por parte dos consumidores-alvo da Tegel tem sido extremamente positiva. Peter Lucas afirmou que a KFC, um dos maiores clientes da Tegel, e o comércio de modo geral têm dado considerável apoio a esta iniciativa.

O objetivo é começar a alimentar todos os frangos da Tegel com soja proveniente de culturas não transgênicas em outubro deste ano, de modo a que no Natal todos os frangos frescos vendidos pela Tegel tenham sido alimentados apenas com rações baseadas em culturas não transgênicas

Sendo o maior fornecedor de frangos da Nova Zelândia, a Tegel está verdadeiramente satisfeita por tomar esta iniciativa que vai de encontro às preferências de 75% dos consumidores.

Para mais informações, contatar Peter Lucas, Diretor Administrativo, Tegel Foods, 379 1700.

Publicado em nome da Tegel Foods pela Network Communications – Chris Lydon (09) 306 5811, (025) 822 296.

REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL, 8 de maio de 2002

“Devido aos preços elevados causados pela escassez e pelos custos do transporte interno, mercadorias estão sendo importadas para as zonas costeiras. Calcula-se que as importações sazonais atinjam cerca de 360 000 toneladas, 280 000 toneladas de milho amarelo do Brasil e da Argentina (que conseguem cumprir os requisitos sobre OGMs da África do Sul), e 80 000 toneladas de milho branco dos EUA, que não tem OGMs (menos de 1% de conteúdo OGM).

... A situação é ainda mais complicada pela atual relutância do Zimbabwe em aceitar milho transgênico.”

Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=145683401

Política da China sobre soja transgênica preocupa exportadores e representantes comerciais dos EUA e da Argentina.

Todos têm uma opinião, mas apenas os representantes chineses têm as respostas. Uma coisa é certa: a China vai impor normas de rotulagem para os organismos geneticamente modificados. Outra certeza é que desde que a China adotou legislação sobre transgênicos, o mercado de exportações de soja, particularmente o dos EUA, sofreu uma perda maciça. Também é óbvio que o Brasil tem até agora conseguido evitar essa perda devido ao seu status jurídico de não transgênica. A China estará realmente preocupada com a soja transgênica ou prefere usar como pretexto para proteger a sua indústria de soja? Poderia a China dar-se ao luxo de recusar soja transgênica quando na realidade pode não existir um volume suficiente de soja não transgênica no mercado mundial para responder à sua procura, ou a China poderia criar um fornecimento suficiente de soja não transgênica incentivando a sua demanda?

Existem muitas dúvidas quanto à política de transgênicos da China. Para a indústria brasileira da soja, deveria existir apenas uma questão, para a qual a resposta deveria ser fácil. Do ponto de vista econômico, faria algum sentido o Brasil começar a cultivar soja transgênica exatamente no momento em que o maior importador de soja introduz legislação para a rotulagem de OGMs, exatamente no momento em que o maior importador de soja passa a exigir uma complexa certificação de segurança para os OGMs e exatamente no momento em que as exportações de soja transgênica dos EUA e da Argentina sofrem uma ruptura maciça devido às medidas chinesas? A resposta é NÃO.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, relatório do USDA, 18 de março de 2002

“Prevê-se que a produção total de sementes de oleaginosas aumente em 2002. A regulamentação da China para a biotecnologia terá um impacto significativo nas importações de sementes de oleaginosas. No entanto, neste momento é difícil prever exatamente qual será esse impacto, uma vez que tanto o teor da regulamentação como o as recentes medidas provisórias continuam pouco claras.

Em junho de 2001 o governo chinês determinou regras que obrigavam à certificação de segurança, o registo e a rotulagem de produtos alimentícios e rações transgênicas, assim como de alguns produtos e seus derivados. As principais preocupações do comércio de grãos de soja são com a obrigatoriedade de todos os produtos transgênicos tenham que obterem uma certificação de segurança do governo chinês, e que todos os carregamentos tenham uma licença de importação. Sem quaisquer normas de apoio para descrever os processos de requerimento, os exportadores foram incapazes de cumprir os requisitos. No entanto, o Ministério da Agricultura (MOA) veio a decidir que os carregamentos relativos a contratos assinados antes de 6 de junho poderiam continuar a entrar sob as regras antigas, o que permitiu que o comércio continuasse após uma breve interrupção. Em 7 de janeiro, o MOA emitiu normas complementares, estabelecendo que as novas regras entrariam em vigor a 20 de março, sem exceções. Infelizmente, as normas aplicáveis continuam a ser pouco claras sob vários aspectos, incluindo a definição exata dos documentos necessários para o requerimento do certificação de segurança.

As normas sobre biotecnologia poderiam constituir um sério obstáculo ao comércio. Vários aspectos são particularmente preocupantes. Para as autorizações de importação, as regras permitem que o Ministério da Agricultura demore até 270 dias úteis para decidir se deve ou não emitir a autorização e sem especificar quais os critérios para a rejeição. As normas também não especificam quais os documentos necessários para a obtenção da certificação inicial de segurança para os carregamentos transgênicos. Além disso, não está definido uma porcentagem mínima de contaminação aceitável em carregamentos que não contém estes elementos, o que estabelece uma situação de tolerância zero. Mais recentemente, oficiais chineses têm declarado que os testes de materiais transgênicos poderia abranger os materiais estrangeiros incluídos no carregamento. Ao confirmar-se isto, um único grão de milho de uma variedade transgênica não registada num carregamento de grãos de soja, seria suficiente para que todo o carregamento fosse rejeitado. Não existe indicador de como os testes serem conduzidos em produtos preparados, especialmente no caso de produtos que não contêm material genético, tais como o óleo. A lista de problemas não fica por aqui. Se oficializadas, estas regras poderiam encerrar as transações comerciais de soja e produtos derivados, canola e óleo de canola assim como outros produtos por um período de tempo indeterminado...

Oficiais dos Estados Unidos se reuniram recentemente com o Governo chinês para discutir esta questão numa tentativa de assegurar a continuidade das transações comerciais. Pouco tempo depois, o Ministério da Agricultura chinês publicou uma circular que descrevia em linhas gerais as medidas provisórias para a implementação das regras. Estas medidas permitirão às empresas de biotecnologia obter um certificado de segurança provisório enquanto aguardam o processamento da sua candidatura à certificação de segurança do seu produto. Para obterem o certificado provisório, devem apresentar um Formulário de Requerimento de Certificado Provisório para a Importação de Produtos Agrícolas Geneticamente Modificados, que será emitido pelo Ministério da Agricultura, juntamente com documentos válidos das autoridades de avaliação de segurança do país de origem ou de um terceiro país. O MOA emitirá então o certificado provisório nos 30 dias seguintes. Após a apresentação da

candidatura por parte da empresa de biotecnologia, os importadores podem requerer uma autorização de importação do produto. Existem ainda muitos aspectos pouco claros em relação às próprias regras e também ao acordo provisório, mas representantes dos Estados Unidos estão trabalhando no sentido de obter mais esclarecimentos.”

Leia o relatório completo em: www.fas.usda.gov/scripts/gd.asp?ID=135683695

CHINA COMPRA PRIMEIROS GRÃOS DE SOJA AMERICANA SOB NOVAS REGRAS SOBRE OGMs

Dois de maio de 2002, Reuters, Randy Fabi

WASHINGTON - O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA) afirmou na 5ª-feira que a China voltou ao mercado de soja dos EUA (pela primeira vez após a adoção, no mês de março, de regras polêmicas que exigem a rotulagem de alimentos geneticamente modificados importados), comprando 78 000 toneladas de soja americana. A reportagem afirma que os Estados Unidos, o maior produtor mundial de soja, sofreu perdas de cerca de 180 milhões US\$, após a China ter adotado regras pouco claras sobre organismos geneticamente modificados (OGM), originando a interrupção das encomendas de grãos de soja. Em março, Washington e Pequim chegaram a um acordo sob o qual a China se comprometeu a suavizar temporariamente algumas restrições e apressar a aprovação de candidaturas dos exportadores a certificados que atestem a segurança dos seus alimentos transgênicos. No seu relatório semanal de exportações relativo à semana que terminou em 25 de Abril, o USDA afirmou que a China comprou 78 000 toneladas de grãos de soja dos EUA para a comercialização de 2001/02. Esta é a primeira compra de soja que Pequim faz dos EUA desde 20 de março, data da entrada em vigor das novas regras sobre OGMs. A China tem sido o maior comprador de soja dos EUA, das quais 70% são agora geneticamente modificada.

FUTUROS DA SOJA NA CHINA FECHAM EM ALTA; FORNECEDORES TEMEM REGRAS SOBRE OGMs

9 de maio de 2002, Dow Jones,

XANGAI - Comerciantes afirmaram que os futuros da soja na Bolsa de Mercadorias de Dalian chinês fecharam na 5ª-feira em alta na sua maioria, devido às aquisições dos especuladores motivados pela preocupação quanto à escassez de fornecimento. A reportagem afirma que os receios tiveram origem numa nova regulamentação sobre as importações de alimentos geneticamente modificados, anunciada pelo Ministro da Saúde após o fecho do mercado na 4ª-feira. No comunicado do Ministério, que foi publicado no seu Web site, lia-se que os alimentos transgênicos “não serão produzidos ou importados sem a revisão e aprovação do Ministério da Saúde.” Os produtores de produtos de transgênicos terão que requisitar a sua inclusão numa lista de alimentos aprovados para que os seus produtos possam ser vendidos ou importados pela China. O ministério calcula que a avaliação dos pedidos demore até 6 meses, o que representa mais um atraso para os carregamentos de produtos transgênicos que já foram aprovados sob as novas leis de certificação de segurança e de rotulagem.

Coréia do Sul vai importar 300 000 toneladas de grãos de soja não transgênica da China

FWN Financial via COMTEX, 11 de dezembro de 2001

Citando um relatório elaborado pelo Liaoning Provincial Entry & Exit Inspection and Quarantine Bureau, fontes industriais de Pequim afirmam que, a partir do ano de 2002, a Coréia do Sul vai importar 300 000 toneladas por ano de grãos de soja não transgênica da China.

A Coréia do Sul vai exigir que os exportadores chineses apresentem certificados não-transgênicos fornecidos pelas autoridades de Inspeção e Quarentena da China, para grãos de soja importados para alimentação. Fontes afirmam que existem várias agências que fornecem esses certificados, mas a Coréia do Sul busca uniformidade, exigindo que os certificados sejam emitidos pelo organismo de Inspeção e Quarentena.

Para dar resposta à demanda interna, a Coréia do Sul importa atualmente cerca de 300 000 toneladas de grãos de soja para fins alimentares, das quais a maioria costumava ser de origem americana, segundo estas fontes. Segundo dados do Ministério da Agricultura e Silvicultura, a Coréia do Sul deu início à rotulagem de milho, sementes e rebentos de soja geneticamente modificados em Março de 2001. O National Agricultural Product Quality Management Service, gerido pelo Estado, é responsável pela avaliação de OGMs nesses três produtos. A Administração de Alimentos e Medicamentos da Coréia (KFDA) é responsável pela rotulagem de produtos alimentares preparados OGM e o Ministério da Agricultura encarrega-se da rotulagem de produtos agrícolas com OGMs. Multas de até 10 milhões de won (USD 8636) serão propostas para produtos OGM que não tenham os rótulos adequados. Quem for considerado culpado de rotulagem fraudulenta ficará sujeito a uma pena máxima de três anos de prisão ou ao pagamento de 30 milhões de won.

Durante os testes aleatórios de sementes de soja importada levados a cabo na Coréia do Sul pelo Serviço Nacional Agrícola de Gestão de Qualidade, concluiu-se que mais de 40% das sementes de soja importada dos EUA era geneticamente modificada. Em compensação, e de acordo com fontes de Pequim, não foram até agora detectados vestígios de sementes de soja transgênica nas amostras das importações da China.

Sensibilidade da Ásia em relação aos transgênicos preocupa comércio de soja dos EUA

4 de Setembro de 2001, 6:11

Fonte: Reuters, por Sambit Mohanty

Kota Kinabalu, Malásia, 4 de setembro de 2001 (Reuters) - A crescente sensibilidade de algumas nações asiáticas em relação soja geneticamente modificada e às novas regras da China sobre os transgênicos estão aumentando as preocupações entre os comerciantes de soja dos EUA, segundo afirmou um responsável da American Soybean Association (ASA) na quinta-feira. O comércio agrícola dos Estados Unidos, que começa a se recuperar da polêmica que surgiu no ano passado em torno do seu milho geneticamente modificado StarLink, está trabalhando arduamente para conseguir que os compradores asiáticos obtenham exatamente o que desejam: produtos transgênicos ou não-transgênicos, afirmou Corwin Fee, vice-presidente e responsável pelo comitê internacional de marketing da ASA.

Em entrevista concedida à Reuters durante a Conferência de Compradores de Soja do Sudeste Asiático, Fee afirmou que “estamos muito preocupados com os grãos de soja Roundup Ready”, acrescentando que “estamos dispostos a trabalhar com eles (compradores asiáticos) apesar de as culturas transgênicas terem sido aprovadas para alimentação. Mas, mais uma vez, se os clientes preferirem não utilizá-las, tem que haver uma forma de comunicação e de correção do problema.”

Cientistas belgas descobriram no mês passado fragmentos de genes na soja Roundup Ready, cultivada a partir de sementes desenvolvidas pela gigante da biotecnologia, Monsanto. A soja sofre a inserção de uma bactéria que as torna resistentes ao herbicida Roundup. Apesar de a Comissão Europeia ter afirmado não possuir provas científicas de que estes grãos – os quais o grupo ambientalista Greenpeace pretende ver banidas – representam um perigo para a saúde, alguns compradores asiáticos não estão completamente convencidos. Fee afirmou que “a Coreia do Sul voltou a tocar em muitas das preocupações postas de lado pela União Europeia, mas nós estamos dispostos a lidar com essas preocupações”.

Fee declarou que atualmente a procura grãos de soja não transgênica na Ásia ultrapassa a de variedades transgênicas, o que refletiu as opiniões de alguns agrupamentos de compra da Coreia do Sul que afirmaram a sua intenção de aumentar as suas compras de grãos não transgênicos durante este ano. Fee afirmou ainda que os incentivos relativamente mais elevados concedidos a soja não transgênica levaram a diminuir a sua própria produção de sementes de soja geneticamente modificada nos EUA e passar a concentrar-se na produção de mais sementes não-transgênicas. “Como agricultor, no ano passado, cultivei apenas sementes de soja Round Up Ready. Este ano reduzi essa produção. Esta será provavelmente a menor quantidade de soja Round Up Ready que cultivarei durante os próximos anos”, acrescentou. “É uma decisão orientada principalmente pelo lucro.”

Fee afirmou que o preço para o produtor grãos não transgênicos era de 30 a 35 centavos de dólar por bushel, o que é cerca de 8 a 9% superior ao preço dos grãos transgênicos. Disse ainda que “em anos anteriores, os clientes não compreendiam que saía mais caro obter estes produtos (não transgênicos). Finalmente compreenderam essa realidade.”

AS REGRAS DA CHINA PARA OS TRANSGÊNICOS

Fee acrescentou que o mais recente conjunto de regras sobre transgênicos anunciado pela China teve alguma influência na diminuição das vendas de soja dos EUA à China. “Estamos um pouco preocupados sobre as normas e leis aprovadas pela China – as quais ninguém parece compreender muito bem” afirmou Fee. “Mas estamos trabalhando no sentido de compreendermos melhor o que eles pretendem exatamente.” Na primeira metade de 2001, a China atravessava um período de euforia na compra de soja e as importações aumentaram 69,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, passando para 5,97 milhões de toneladas. Quase três quartos destes grãos vinham dos Estados Unidos.

A China, o maior comprador de soja dos EUA, anunciou as regras no início de junho, mas não foram fornecidos os pormenores da sua aplicação, que os comerciantes calculam que só surjam depois de outubro. Fontes comerciais asiáticas afirmam que a China aumentou recentemente o volume das suas compras de soja da América do Sul. “Existe alguma hesitação até que tenhamos compreendido o que eles (a China) esperam realmente, antes de lhes enviarmos grandes quantidades de soja,” concluiu Fee. Segundo o Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, 68% da soja dos EUA é transgênica. Fontes comerciais afirmam que cerca de 90% da soja da Argentina também é. O Brasil declarou que sua soja não é transgênica, mas fontes comerciais acreditam que existem plantações de soja geneticamente modificada em alguns estados do sul do Brasil.

Copyright © 1999 Reuters Limited.

Receitas Contra a Fome – Histórias de sucesso para o futuro da agricultura

Um relatório do Greenpeace

Existem mais de 800 milhões de pessoas subnutridas e com fome. Um nível considerável de subnutrição existe mesmo nos “países desenvolvidos” devido aos maus hábitos alimentares. Esta situação existe apesar de o fornecimento global de alimentos ter crescido mais rapidamente do que a população nas últimas décadas. Isto mostra que a idéia de “alimentar o mundo”, seguindo o modelo industrializado criado pelo Norte para a agricultura, não passa de um clichê simplista e enganador. O que é realmente importante é o acesso aos alimentos ou aos meios para os produzir ou comprar. Alcançar a segurança alimentar implica a erradicação da pobreza, o que também depende do ambiente econômico-político.

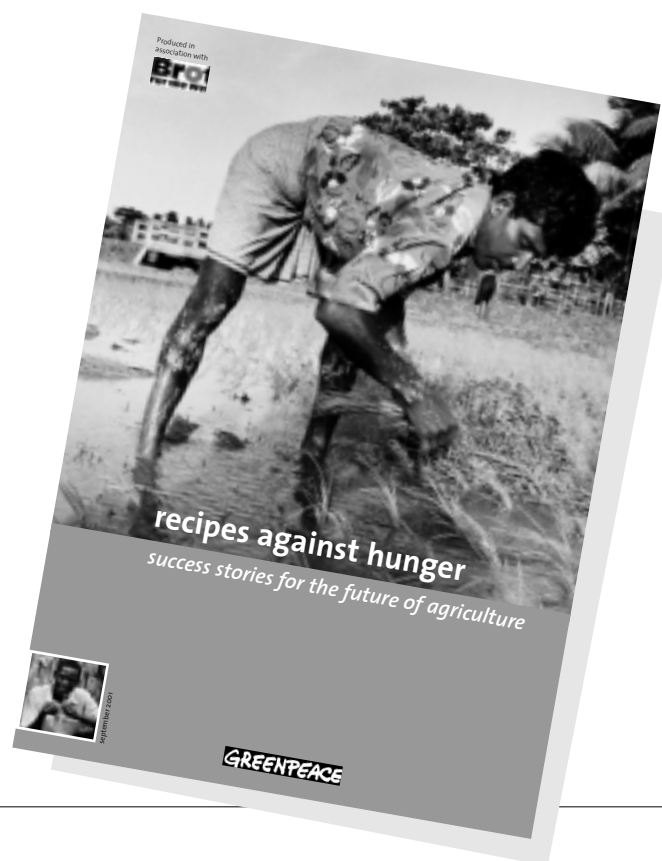
A idéia de que os famintos do mundo podem ser alimentados se for permitido aos gigantes do setor agrícola do Norte fornecer culturas geneticamente modificadas é hipócrita e cínica. Hipócrita porque esta idéia está ainda muito longe de ser aplicada na prática. Cínica porque os agricultores pobres não têm possibilidade de comprar as sementes caras e porque os países que as desenvolvem não possuem os meios institucionais para lidarem com os riscos consideráveis que elas envolvem.

Uma esperança real reside nas iniciativas que envolvem diretamente os agricultores do Sul. Um estudo feito em conjunto pelo Greenpeace e pela Bread for the World, uma ONG alemã para o desenvolvimento, encontrou mais de 200 exemplos de agricultura sustentável e produtiva, os quais efetivamente resultam em melhorias no modo de vida das pessoas. Os exemplos demonstram como a criatividade e a compreensão ecológica criam uma agricultura que encoraja a diversidade biológica e cultural e são alternativas produtivas e adaptadas aos respectivos ecossistemas.

Mas os exemplos também veiculam uma mensagem muito clara para a tomada de decisões, nacional ou internacionalmente. Não delegar a responsabilidade por 800 milhões de famintos e subnutridos para algumas poucas empresas do setor agrícola. Ao invés disso, criar e proporcionar o ambiente político que permita aos pobres alimentarem-se e apoiar as muitas abordagens de sucesso já em prática para a produção sustentável.

Relatório completo disponível em:

www.greenpeace.org/%7Egeneng/reports/hunger/brochure.pdf ou a pedido.



Neste relatório, damos a última palavra ao Carrefour, que é o maior grupo varejista do Brasil e da Europa e o segundo maior em todo o mundo;

Extrato traduzido de um folheto publicado pelo Carrefour, junho de 2001

Transgênicos – 5 anos de compromisso ao Carrefour

Em 1996, um navio chegou à França transportando soja e milho transgênicos misturados com produtos não transgênicos. Tal como outras empresas do ramo de alimentos, o Carrefour foi confrontado, pela primeira vez, com este fenômeno. A aplicação da engenharia genética na agricultura é um marco tão significativo na história da humanidade que nos pareceu fundamental avaliar seus riscos e benefícios. Em conjunto com outras empresas responsáveis pela cadeia de fornecimento de alimentos, buscamos compreender melhor este assunto e, nesse âmbito, ouvimos um grande número de especialistas de todas as áreas. Tendo em vista os potenciais riscos, tanto para a saúde como para o ambiente, aplicamos o princípio da precaução. Para o Carrefour, este princípio tem que ser aplicado, uma vez que, na ausência de certezas científicas, um problema pode ser irreversível e irreparável.

Convencidos de que o consumidor deve ter a possibilidade de escolher livremente entre produtos com ou sem organismos geneticamente modificados, decidimos, em 1996, empreender todos os esforços para oferecer aos nossos consumidores uma alternativa confiável, através da ampla gama de produtos não transgênicos ao Carrefour. Esta decisão criou um grande desafio, uma vez que o milho, a soja e os seus derivados são utilizados na produção de inúmeros ingredientes e aditivos nos alimentos. Devido à nossa associação com pequenas e médias empresas há 20 anos, fomos capazes de trabalhar em conjunto e implementar um método de rastreabilidade em todos os ingredientes ou aditivos que pudessem conter organismos geneticamente modificados. Este trabalho levou dois anos e, no final de 1998, todos os produtos ao Carrefour eram livres de transgênicos. Nesse momento, decidimos ir mais longe e estender o nosso compromisso à alimentação animal: foram necessários mais dois anos para que o primeiro carregamento com soja não transgênica chegasse a França.

Queremos que os consumidores sejam informados e que possam exprimir as suas opiniões com relação a este problema. Utilizamos nossa influência no sentido de trazer a público este debate e, hoje, a maioria dos consumidores quer produtos que não utilizem transgênicos, como na maioria dos outros países europeus.

Fiel a seus princípios e às preocupações dos consumidores, o Carrefour continua a fazer tudo para garantir uma maior segurança e uma genuína liberdade de escolha.

O PRINCÍPIO DA PRECAUÇÃO – A BASE DO COMPROMISSO AO CARREFOUR

Tendo em vista a falta de certezas científicas, a existência de riscos incontrolláveis e impactos irreversíveis, o Carrefour escolheu implementar o princípio da precaução, oferecendo a seus consumidores uma alternativa confiável através dos produtos livres de transgênicos da marca Carrefour.

As medidas ao Carrefour para proporcionar aos seus consumidores produtos não transgênicos

Desde o final de 1996, o Carrefour identificou, na composição de cada produto das suas marcas, os ingredientes e aditivos que poderiam conter transgênicos. Dos 1.783 produtos estudados, apenas 513 continham milho, soja ou um dos seus derivados e poderiam estar, deste modo, afetados pelos transgênicos.

Em 286 produtos, os ingredientes derivados de milho e soja foram substituídos por produtos nos quais não é permitida qualquer modificação genética, como por exemplo, óleo de soja (substituído por óleo de girassol) ou xarope de glicose de milho (substituído por açúcar). Para estes produtos, foram criadas novas receitas e foram efetuados testes sistemáticos junto aos consumidores. A regra determinada pelo Carrefour era de que as novas receitas teriam que ser tão apreciadas quanto as receitas originais.

Nos 221 produtos em que, por razões técnicas, não foi possível efetuar substituições, comprometemo-nos a garantir um método de rastreabilidade nos ingredientes com relação à sua origem. Pedimos, também, aos nossos fornecedores que efetuassem testes regulares no milho, soja e derivados utilizados na composição dos produtos da marca Carrefour, de maneira a confirmar as suas características não transgênicas.

Foram retirados do mercado nove produtos, para os quais não era possível nem a substituição e nem a implementação de um método de rastreabilidade.

O Carrefour foi o primeiro a iniciar esta abordagem original e muito restrita, que serviu, desde então, como exemplo a todos os varejistas.

Todos os produtos Carrefour são livres de transgênicos desde 01 de janeiro de 1999.

Da alimentação humana à alimentação animal

De forma a ser consistente com a política de produtos sem transgênicos definida para a alimentação humana, o Carrefour estendeu sua abordagem à alimentação animal desde 1998, o que exigiu, mais uma vez, dois anos de trabalho. A quantidade de bagaço de soja produzido na França não era suficiente, portanto, recorremos ao Brasil, país em que são proibidas colheitas transgênicas. Trabalhamos com nossos muitos parceiros locais – já que o Carrefour é o maior varejista do país – e o primeiro carregamento chegou à França em abril de 2000. Hoje, são entregues todos os meses 25.000 toneladas de bagaço de soja rastreado e testado.

Este compromisso já engloba os seguintes produtos: aves, ovos e presunto defumado da marca Carrefour, assim como os produtos de charcutaria Filière Qualité Carrefour. Um trabalho semelhante foi implementado para os seguintes produtos: carne de vaca, leite e todos os laticínios. Este é um objetivo primordial para o Carrefour.

GREENPEACE

Keizersgracht 176
1016 DW Amsterdam
Netherlands

t (31) 20 523 6222

f (31) 20 523 6200

www.greenpeace.org

Greenpeace Brazil
Rua dos Pinheiros, 240 cj.21
Cep: 05422-000 São Paulo

t (11) 30661155

f (11) 30825500

www.greenpeace.org.br